

JOÃO PEDRO
CARVALHO DUARTE

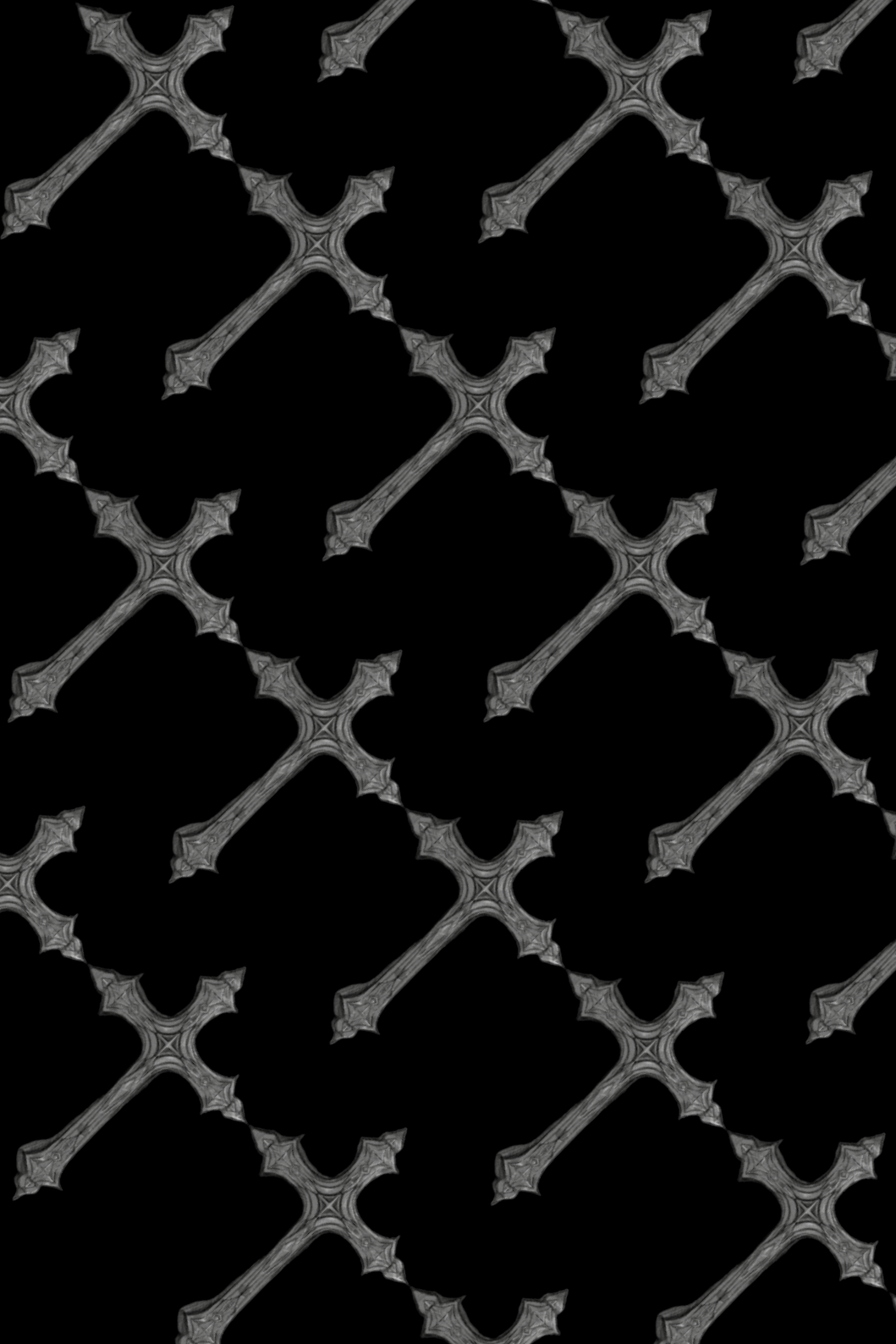
QUATRO
CONTOS
DE UM
QUARTO
QUADRADO

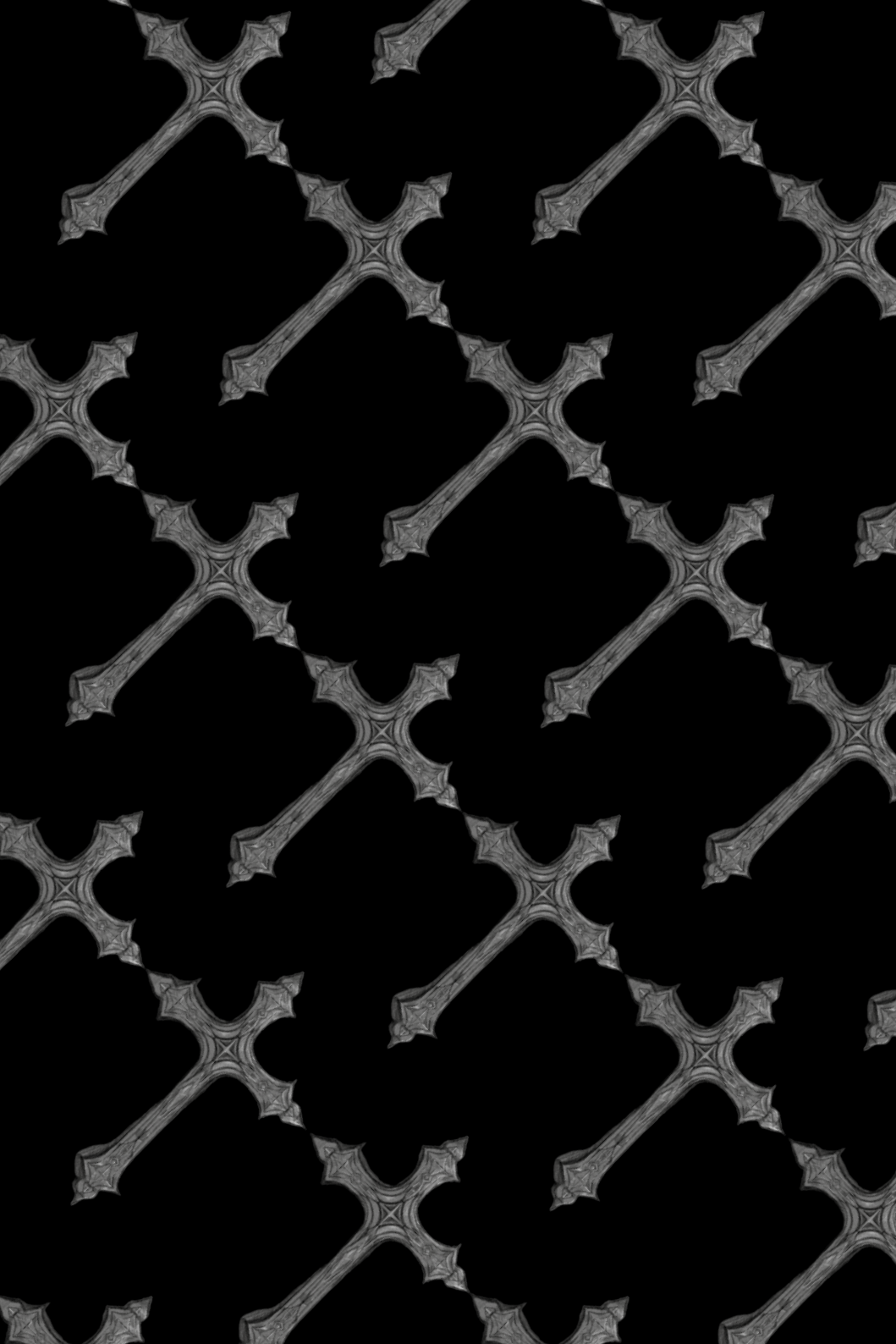
com ilustrações de
SARAH LAIS



Quatro Contos de um Quarto Quadrado reúne histórias aterrorizantes em torno de um único quarto, onde o tempo transforma objetos e memórias em ameaças.

Em cada história, diferentes personagens ocupam esse local aparentemente normal, mas logo percebem que existe algo obscuro e incompreensível. As paredes do quarto foram palco de tragédias e agora abrigam mistérios sombrios. Com um ambiente denso e sufocante, a obra aborda o receio do conhecido e do desconhecido, invocando o terror psicológico e o sobrenatural.





Quatro Contos de um Quarto Quadrado

João Pedro Carvalho Duarte

Quatro Contos de um Quarto Quadrado

Com ilustrações de Sarah Lais



LEE laboratório
de estudos
editoriais

bookobee.com

Agradecimentos

Agradecemos, primeiramente à professora Flaviane, que nos orientou na criação deste livro. A nossos colegas de classe, que foram os primeiros a ler e a revisar os quatro contos.

Copyright @ 2024 by
João Pedro Carvalho Duarte
Luara Ordine Rodrigues Dattola
Yasmin Lima Rosa Fernandes Duca

Coordenação
Flaviane Faria Carvalho

Autoria
João Pedro Carvalho Duarte

Ilustração
Sarah Lais

Capa
Imagem criada com IA generativa

Projeto de livro experimental desenvolvido durante o segundo semestre de 2024, na disciplina “Projeto Editorial”, do curso de Letras da Universidade Federal de Alfenas, em parceria com o Projeto de Extensão Laboratório de Estudos Editoriais (LEE/PROEC/ UNIFAL-MG).

ISBN: 978-65-87058-50-4

Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700, Centro, Alfenas-MG

*Vou me recostar no seu quarto mal-assombrado só com uma luz
noturna queimando e tentar entrar em contato com os elementos que
perturbam esta casa.*

Shirley Jackson

Apresentação

Você já parou para pensar em quantas pessoas já dormiram no mesmo quarto que você dorme hoje? Como ele era decorado? Será que algo terrível já ocorreu dentro dele? Se as paredes falassem, que histórias elas contariam? Essa é a ideia que me motivou a escrever os contos que você está prestes a ler.

Quatro histórias contadas por cada uma das paredes, desde a criação do quarto até o seu abandono. Quatro contos de amores, terrores, suspense, terror e solidão. Quatro contos que juntos formam uma história completa e ao mesmo tempo contos únicos entre si.

Começando com um casal frustrado pela pressão da sociedade, passando por outro casal que vive um amor secreto, uma grávida que mora junto com uma estranha, até um jovem que convive com a solidão. Essa é apenas a entrada para um quarto que tem muito a dizer. Entre e aproveite.



O crucifixo da cabeceira

O ano é 1970. Maria Pinheiro e José Nóbrega acabam de se casar. Ambos já estavam quase na casa dos 30 anos e ansiavam pelo casório. O motivo dessa demora é simples e possui apenas quatro letras: casa. No início dos seus vinte anos, José começou a construir uma casa para si e para a família que iria formar. Após longos anos de trabalho, a casa finalmente estava pronta e, assim como o motivo para a demora do casório, ela era simples.

No princípio, não havia nada no terreno e José criou uma fundação e um telhado improvisado, assim foi o primeiro ano. No solo, vazio e enegrecido pela sombra do que mal se podia chamar de telhado, José começou a construir um encanamento para que a água clara corresse para dentro dessa casa e fosse usada, o segundo ano se passou. Em seguida, paredes foram erguidas e a fiação foi adicionada: uma lâmpada incandescente agora brilhava das vigas do telhado (agora sim um telhado de verdade), e assim o terceiro ano acabou. O dia e a noite eram calmos naquele lugar, a tarde e o amanhecer eram possíveis de serem vistos, respectivamente, pelo terreiro dos fundos e pelo da frente, eles ficaram prontos no quarto ano. José já sabia que aquele lugar era fértil e lá plantou todo e qualquer tipo de árvores: macieiras, bananeiras, limoeiros, laranjeiras e várias outras, elas cresceram no quinto ano. O terreno também era grande o suficiente para que alguns animais fossem criados, que José criava soltos: três porcos, meia dúzia de gado (cinco vacas e um touro) e meia dúzia de galinhas e patos, ambos separados da mesma forma que o gado, toda essa vida chegou no sexto ano.

E assim, no sétimo ano, a fazenda Nóbrega ficou completa.

Maria era uma mulher com uma presença serena e cativante, sua face tinha traços suaves e acolhedores. Seus cabelos castanhos escuros eram longos e lisos, às vezes os deixava soltos, com apenas uma faixa de tecido ou com uma tiara discreta, outras vezes os deixava presos, com um coque simples. O rosto de Maria tinha uma expressão tranquila e compassiva, com pouca ou quase nenhuma maquiagem, apenas um toque de batom nude. Sua roupa era modesta, seu guarda-roupa consistia apenas de vestidos de corte simples, em tons neutros e terrosos, como bege, marrom ou verde oliva, com alguns detalhes florais bordados. Os sapatos, por fim, eram sandálias ou calçados de solado baixo.

Já José apresentava um visual rústico e simples. Sua pele estava queimada de sol, devido ao trabalho árduo no campo, com algumas rugas ao redor dos olhos e da boca. Seus olhos eram de um castanho profundo, expressando calma e sabedoria, mas também uma certa dureza de quem conhece a vida difícil do campo. Seu cabelo era escuro, mas já com alguns fios grisalhos, e o mesmo valia para o seu bigode. Sua roupa era simples, mas funcional: calça jeans surrada, botas de couro gastas e uma camisa de algodão ou flanela, quase sempre com suas mangas arregaçadas, revelando braços fortes e fatigados. Nos dias frios, ele usava uma jaqueta de couro envelhecido. O chapéu de palha estava sempre na sua cabeça, muitas vezes inclinado para frente, criando uma sombra no seu rosto. José tinha uma postura ereta e um andar confiante. Suas mãos grandes e calejadas sempre carregavam alguma ferramenta de trabalho – corda, enxada, rastelo etc.

Uma semana após a finalização da construção, o casal finalmente oficializa o matrimônio e se muda para a casa, a fim de, como dito na Bíblia, crescer e se multiplicar. O quarto do casal era o mais lindo de todos os cômodos da casa, modéstia à parte. Ele era relativamente grande e um quadrado exato: as

paredes, o chão e o teto tinham todas as medidas iguais, um cubo perfeito. Para conseguir descrevê-lo, caro leitor, preciso que imagine um dado: a parede da porta é o número um do dado, nesta parede além da porta existe também uma cômoda, onde o casal costumava guardar algumas coisas como: roupas casuais, sapatos e acessórios, além disso, em cima dela, havia uma figura da Santa Rainha, de Jesus Misericordioso, um espelho e uma caixa de joias. Por fim, na parede desse lado, havia uma imagem da Santa Ceia, isso era o que se encontrava na parede 1.

A parede número 2 fica à esquerda da primeira, e consequentemente à esquerda de quem entra no quarto. Dentre todas, essa era a mais simples, com apenas uma janela, também quadrada. Para não ser injusto, há um adesivo colado nela, com a imagem de Jesus Cristo.

A parede número 3, à esquerda da janela, tem a cabeceira da cama, fora ser a cabeceira, não haveria nada demais, se não fosse o enorme crucifixo gótico preso na parede acima da cama. Ele era feito de ferro e todas as suas pontas eram bem afiadas. Além disso, de cada lado da cama, havia uma mesinha simples com um abajur.

Terminando a volta no quarto, temos a parede número 4 com um enorme guarda-roupa impossibilitando observar a parede desse lado. No guarda-roupa, havia presentes do casamento que, possivelmente, não seriam usados: roupa de cama, cobertas grossas de lã, roupas mais formais e uma tábua para passar roupas. Por fim, das três portas desse guarda-roupa, a do meio foi escolhida para se pregar um anjinho.

Finalmente, o teto e o chão eram bem normais. O teto possuía laje e era pintado de branco, com uma luz incandescente para iluminar o quarto. E o chão era coberto por um azulejo marrom, com desenhos de losangos que complementam um ao outro.

Esse era o ninho dos amantes casados.

A primeira noite do casal foi quente. E não me refiro à temperatura climática. José e Maria eram um casal criado na Igreja Católica e seguiam os seus ensinamentos à risca. Ambos eram catequizados e crismados, eles frequentavam a igreja todos os domingos e feriados santos, rezavam antes de comer e dormir e, quando saíam de casa, independente do lugar que fossem, faziam o sinal da cruz e pediam proteção. Imagino que, para uma casal que namora desde os vinte anos, o casamento era a liberdade de fazer o que eles queriam.

As noites foram movimentadas durante a primeira semana e início da segunda. Passado esse período, os pombinhos se aquietaram e apenas voltaram a agitar uma ou duas vezes por semana. Porém, isso também não durou muito, e, após apenas um mês, eles só faziam uma vez por mês. Quem escolhia quando eles iam fazer era Maria, que guardava um calendário na cômoda e sempre fazia marcações nele. Honestamente, eu nunca entendi o porquê disso. Apenas sabia que, nos dias em que ela fazia um círculo, seria o dia em que a luz do quarto ficaria acesa até mais tarde da noite.

Após dois meses praticando esse ritual, Maria começou a ficar aborrecida. José tentava consolar ela, mas sem êxito. Um dia, ela retirou o calendário da cômoda e, junto com papel e lápis, começou a fazer algumas contas. Quando terminou, ficou enfurecida.

— O que tem de errado? — gritou ela jogando o papel e o lápis longe.

Ela ficou um tempo sentada em silêncio na cozinha, batendo o pé impaciente. Até que, de súbito, ela se levanta e vai até o quarto, abre a gaveta da cômoda onde José guarda os

sapatos e, na botina de couro negro, no pé direito, havia um bolo de dinheiro. Maria pega algumas notas e sai às pressas da casa. Desta vez, sem fazer o sinal da cruz.

O sol está quase se pondo, quando ela volta, sem o dinheiro e com uma sacola nas mãos.

Ela não perde tempo e vai direto ao quarto. Da sacola, ela tira uma vela bem grande e uma imagem emoldurada. Na imagem, um jovem com a expressão serena olha para cima, enquanto segura uma imagem de Jesus crucificado, envolta da cabeça do jovem um halo dourado, muito provavelmente um santo. A reza que se seguiu confirmou a teoria.

— São Geraldo Majella, por favor interceda por mim e meu marido...

A reza, que começou em voz alta, logo foi diminuindo, até que apenas Maria pudesse ouvir. E assim ela continuou até o anoitecer, quando finalizou com o sinal da cruz, se levantou e foi para a cozinha preparar a janta.

A comida já começava a esfriar quando José chegou, mais tarde do que o habitual. Ele costumava trabalhar no sítio do Seu Lúcio, um grande proprietário que já possuía uma fazenda inteira na época em que José começou a construir a casa.

José cumpria a seguinte rotina: acordava às 4h e passava o próprio café, das 4h30 às 5h30 alimentava os animais, tirava leite da vaca e buscava os ovos das galinhas. Às 6h ia junto com outros trabalhadores para o Sítio do Lúcio, onde ficavam até às 17h. Quando chegava em casa alimentava os animais, tomava banho, jantava e ia dormir por volta das 21h.

Porém, hoje ele chegou às 19h. Maria alimentou os animais, preocupada com algo que tivesse ocorrido e seu marido não chegasse para realizar a tarefa. Quando José passa pela porta da frente, um forte cheiro de álcool o acompanha.

— José! — gritou Maria aliviada — O que aconteceu? Que cheiro é esse? Você está bem?

— Nã... Não aconteceu na... da. - José responde, a voz mal saindo por conta da embriaguez — Vou tomar um ba... banho e dor... mir. Não quero jan... tar hoje, já estou cheio.

— Mas amor ... - disse Maria, quando sua frase foi cortada no meio pelo estrondo da porta do banheiro fechando.

Naquela noite eles apenas dormiram. José dormiu logo após que deitou, mas Maria não, ela chorou até dormir naquela noite. Mal eles sabiam que esse era o primeiro dia de muitos iguais aos que ainda viriam. Mal eles sabiam que esse era o princípio do fim. Esse é o episódio que levaria à destruição desse casal.

No dia seguinte o mesmo ocorreu, com o tempo isso virou rotina. Os animais começaram a ser tratados por Maria na parte da tarde e José chegava bêbado em casa toda a noite, às vezes jantava, às vezes não. Além disso, ele começou a comprar a bebida e levar para tomar em casa nos dias em que não havia trabalho, como finais de semana e feriados. Apesar de tudo isso, a vida corria de forma calma. José mal se comunicava com sua esposa, trocando poucas palavras por dia, o que significava que a vida de Maria era mais silenciosa dentre os dois, havendo dias em que não ouvia nada além de sua própria voz, enquanto falava com os animais e os alimentava.

Contudo, foi no final do mês que o silêncio foi quebrado. Em um domingo, após retornarem da missa, ambos estavam no quarto, Maria sentada na cama se arrumando para dormir, e José, após tomar uma ou duas latas de cerveja, foi ao seu esconderijo para pegar o dinheiro. Porém, não o encontrou, e foi perguntar para a esposa se ela sabia onde estava, pois afinal a memória dele já não era mais a mesma.

— Maria. — disse ele com uma voz grave e profunda.
— Você sabe onde eu guardei aquela reserva de dinheiro?
Preciso dela para pagar minha dívida no bar do Tião.

A resposta dela foi o silêncio.

— Maria? Onde está o dinheiro?

De novo o silêncio. A feição dela era pálida e assustada, a dele vermelha e raivosa.

— Maria, cadê o dinheiro?

Essa pergunta sai como um grito.

— Eu gastei.

A resposta dela finalmente veio tão baixa quanto o guincho de um rato.

— Você o quê?

— Eu gastei. Peguei para comprar a imagem de São Geraldo Majella. — responde ela apontando para o quadro em cima da cômoda.

José vai até a imagem e pega o quadro com uma das mãos, o seu ódio crescia cada vez mais.

— Você usou o meu dinheiro para comprar o quadro de um santo? Eu nem sei o porquê de você rezar tanto!

— Eu estava rezando para quem sabe conseguir engravidar. Mas desde o dia em que comprei, você nunca mais quis tentar.

— Tentar o quê? Isso nunca ia dar certo. Nós tentamos de tudo, seguimos tudo à risca e você nunca engravidou. O problema é a gente!

— Aceite a realidade, nem Deus pode nos salvar.

A raiva de José atinge o seu pico. Ele chuta a cama, a cabeceira atinge a parede, o crucifixo balança e fica de cabeça para baixo. Maria dá um grito de medo. José grita:

— Cala a boca!

Ele atira a imagem de São Geraldo Majella em direção à Maria, que estava deitada na cama com as costas apoiadas

na cabeceira. O quadro não chega a acertar Maria, mas atinge outra pessoa, a imagem de Jesus Cristo. O quadro se estilhaça no grande crucifixo de ferro acima da cabeceira, vidro e madeira caem em Maria e também o crucifixo. A pesada e pontuda cruz de ferro se solta e desaba na cabeça de Maria, devido ao seu peso e ao seu formato. A cabeça de Jesus fica completamente escondida dentro do crânio de Maria, um sangue espesso começa a jorrar do topo da cabeça dela e encharcar o lençol e o travesseiro. Mais nenhum som saiu da boca de Maria.

Com os olhos estáticos, José assiste àquela terrível cena, sem conseguir desviar o olhar. E lá onde estava ele ficou por algumas horas, observando o corpo sem vida de sua esposa. Por volta da meia-noite, ele voltou a si e tomou uma decisão. Ele sai de casa e vai até um pequeno galpão ao lado do curral, pega uma cadeira antiga e uma corda para amarrar gado. E se dirige à macieira que ficava ao lado da janela do quarto, onde o corpo da esposa, ainda quente, estava estirado na cama. Na macieira, ele sobe na cadeira, amarra a corda em um galho, nem muito baixo e nem muito alto. Na outra ponta da corda, ele envolve o próprio pescoço.

José olha pela janela do quarto, o corpo ainda lá.

— Me perdoa?

Ele sussurra e então pula da cadeira.



O olhar de dentro do armário

A história do casal Nóbrega ficou famosa localmente. No dia seguinte, toda a pequena cidade de Atiu já sabia do ocorrido naquele fatídico domingo. Na terça, como os dois corpos já haviam sido enterrados, os parentes se reuniram na casa do casal e repartiram quase todos os bens do casal. Digo “quase todos”, pois houve um cômodo que não foi tocado: o quarto. As únicas coisas que foram retiradas dele foram colchão, roupas e objetos pessoais, mas ninguém quis levar nenhum móvel do lugar. Alguns diziam estarem amaldiçoados, outros diziam que quem pegasse qualquer móvel seria assombrada pelo fantasma de Maria. Com isso, no quarto ficaram apenas uma cômoda e um armário vazios, além de uma cama sem colchão. Os animais da fazenda foram comprados por Lúcio, o chefe de José. As árvores sobreviveram, devido às suas raízes profundas, e a macieira ficou conhecida como a árvore da força. E assim, se deu a solitária e vazia vida na fazenda Nóbrega, sem uma alma viva por dez anos.

Foi no primeiro trimestre de 1980 que a fazenda recebeu o primeiro morador depois do ocorrido, Daniel, o filho do meio de Lúcio. Eles chegaram no final do verão, em um caminhão de mudança, em cujo interior havia um colchão, um fogão, uma geladeira e outras mobílias e utensílios. Daniel desceu do lado do passageiro e seu pai desceu do lado do motorista. Em seguida, se dirigiram à parte de trás para começar a descarregá-lo. Do fundo do caminhão, veio uma outra pessoa que, pela conversa dos três, devia se chamar Murilo.

Lúcio era um senhor já com quase 60 anos. Sua aparência reflete tanto o peso da idade quanto a experiência adquirida no trabalho rural. Sua pele é marcada pelo sol e pelas intempéries, de um tom bronzeado e com manchas escuras

aqui e ali, causadas pelos anos de exposição ao clima. O rosto, vincado por rugas profundas ao redor dos olhos e da boca, traria uma expressão serena, com um olhar que mescla sabedoria e uma certa melancolia. Seu cabelo grisalho é ralo no topo da cabeça e cheio nas laterais, mantido curto para o dia a dia de trabalho. Um bigode grosso e grisalho adorna seu rosto. As mãos dele são grandes e calejadas, com unhas curtas e dedos que mostram os sinais de uma vida inteira dedicada ao trabalho no campo. A roupa que ele usava era simples, uma camisa de algodão bem passada, uma calça jeans um pouco surrada e botas que já viram anos de serviço. Ele tinha uma postura ereta, forte e movia-se devagar, mas com firmeza.

Já Daniel era um garoto no início dos seus 20 anos, sua aparência robusta e saudável, era própria de alguém que cresceu trabalhando no campo. Ele possuía uma constituição física atlética, com ombros largos e braços fortes. Sua pele teria um leve tom bronzeado, marcado pelo sol, com algumas sardas sutis sobre o nariz e bochechas. Seu rosto era expressivo e harmonioso, com olhos de um tom azul-acinzentado. Esses olhos mostram uma vivacidade que indica seu entusiasmo pela vida, mas também uma certa profundidade, revelando um jovem que aprendeu cedo as responsabilidades de viver no campo. O cabelo de Daniel é levemente ondulado, de um tom loiro escuro, cortado de maneira prática, mas com um toque descontraído, como se ele raramente se preocupasse em arrumá-lo, exceto com os dedos. Ele se vestia de maneira semelhante ao pai, e sua postura era firme e descontraída.

Murilo, por sua vez, tinha a mesma idade de Daniel. Sua aparência, uma mistura de juventude e força física, carregava toques de rusticidade. Ele tinha um corpo esguio, mas tonificado pelo trabalho braçal no campo, com músculos definidos em seus braços e ombros, fruto das tarefas diárias como carregar fardos e trabalhar com ferramentas pesadas. Seu rosto

era jovem e com traços delicados, mas com um toque de dureza. A pele clara de Murilo estaria ligeiramente bronzeada devido à exposição ao sol. Seus olhos marcantes, de um tom profundo de castanho esverdeado, expressam uma energia juvenil. As sobrancelhas, grossas e bem definidas, dão uma expressão de intensidade a seu olhar. O cabelo escuro e encaracolado de Murilo sempre estava um pouco mais desordenado, devido ao estilo de vida simples, cortado de forma prática, mas ainda com aquele toque naturalmente desarrumado. Ele provavelmente usava roupas simples: uma camiseta regata de algodão, já desgastada pelo uso, revelando seus braços. Suas calças de jeans surradas e um par de botas de couro usadas completavam o visual.

Ao terminar de descarregar o caminhão, pai e filho começaram a conversar:

— Você tem certeza que quer isso? Essa é a sua última chance de voltar. — disse o pai com um vozeirão.

— Tenho, pai, eu já estou com quase 22 anos e já está na hora de começar a construir algo para mim mesmo. — respondeu o jovem.

— Tudo bem, mas se precisar de algo, é só falar.

— Não se preocupe, pai, qualquer coisa eu chamo o Murilo para me ajudar.

Ao dizer essa última frase, Daniel olha para o Murilo que está um pouco distante, ele sorri e o cumprimenta com um aceno de mão. Daniel retribui.

— Daniel, eu estou muito orgulhoso que você já esteja querendo essa independência, mas eu preciso te avisar: não é por estar morando sozinho que você vai conseguir lidar com todas as responsabilidades— alerta Lúcio em um tom sério, colocando uma das mãos no ombro do filho e olhando-o fixamente nos olhos.

— O que você quer dizer?

— Trocando em miúdos: eu não quero ser avô por agora.

— PAI!

— Shh. Não precisa gritar, só prometa não arrumar um filho por agora, você não está pronto para isso e...

— Tudo bem pai, não precisa se preocupar. Agora, podemos não falar nisso, pelo menos não com alguém por perto? — Ele aponta com a cabeça o Murilo.

— Ok. Vou sentir sua falta.

— Eu também vou.

— Juízo.

Depois de dizer isso, ele grita para o Murilo:

— Murilo, quer carona para casa?

— Muito obrigado Sr. Lúcio, mas eu vou ajudar o Daniel em mais algumas coisas por aqui e depois eu sigo à pé mesmo.

— Você que sabe. — respondeu Lúcio dando de ombros. Ele entra no caminhão e volta para casa.

Agora, na antiga fazenda Nóbrega, estavam apenas Daniel e Murilo arrumando cada cômodo da casa. Na pequena despensa embaixo da pia da cozinha, Murilo guardou cada jogo de panela e louça que a mãe de Daniel deu para o filho conseguir cozinhar a própria comida. Após terminarem a organização da cozinha, Murilo foi organizar o banheiro e, Daniel, o quarto. Daniel aproveitou os móveis dos antigos moradores para guardar roupas, sapatos e objetos pessoais. Ele também fez uso da cama, colocando apenas um colchão novo, visto que o antigo tinha sido levado (muito provavelmente queimado) pelos familiares dos antigos moradores. Enquanto Daniel terminava de colocar a roupa de cama no colchão, Murilo aparece na porta.

— Você tem muita coragem para dormir numa cama onde uma mulher morreu. — Murilo diz cruzando os braços e se apoiando na soleira.

— Eu não acredito nisso. Isso não passa de uma historinha para assustar crianças.

Murilo começa a se aproximar aos poucos de Daniel.

— Continue assim mesmo, desacreditado, quando for acordado à noite por uma mulher com uma cruz na cabeça ou por um homem enforcado, não venha me pedir ajuda.

Daniel também se aproxima de Murilo, eles agora um de frente para o outro, ambos quase da mesma altura, Murilo é um ou dois centímetros maior. Daniel olha ele nos olhos e diz em voz baixa:

— Você teria coragem de me negar ajuda? Se eu te pedisse para dormir aqui comigo para que os fantasmas não me alcançassem, você teria coragem de negar?

Murilo dá uma risadinha e, em seguida, balança a cabeça negativamente.

— Eu sabia — conclui Daniel.

E, antes que Murilo pudesse replicar, Daniel o beija ferozmente. Murilo no princípio é pego de surpresa, mas se deixa levar. Daniel interrompe o ardente beijo e pergunta em um sussurro:

— Passa esta noite aqui?

Murilo responde novamente com um aceno de cabeça, mas desta vez positivamente. E, pela primeira vez depois de uma década, o quarto ficou quente. Depois de tudo isso, eles dormiram. E no meio da noite, silenciosamente, uma porta do armário se abre, para nunca mais ser fechada.

No dia seguinte, os amantes acordaram, felizes e satisfeitos. Nenhum dos dois notou a brecha aberta no armário e seguiram suas vidas de forma normal. Havia dias em que Daniel e Murilo aproveitavam o amor dentro do quarto; havia

noites em que apenas Daniel dormia no quarto. Durante o dia, Daniel cuidava do pomar da fazenda e de algumas galinhas que lhe foram dadas pelo pai. Mas foi apenas depois de duas semanas que a porta do armário foi notada, quando depois de se satisfazerem, Murilo notou que ela estava um pouco aberta.

— Essa porta sempre esteve assim?

— Acho que sim, deve ser por causa das dobradiças estarem velhas.

Murilo se levanta da cama e tenta fechar a porta do armário. Depois de soltar o puxador, ela abre novamente e para na mesma posição em que estava.

— Quer que eu arrume? — ofereceu Murilo.

— Não se preocupe com isso, essa porta frouxa não me incomoda. Vem, deita aqui de novo.

Murilo o faz. Ao se deitar, ele coloca o braço em volta de Daniel e pergunta de maneira séria:

— Dan, quando você vai se assumir para o seu pai?

— Você sabe que não é tão simples assim.

— Você sempre arruma uma desculpa, né? Antes era que não podia por medo de seu pai te despejar, mas agora você já tem uma casa boa, consegue uma renda boa com as frutas do pomar e ovos das galinhas. Nós podemos finalmente viver juntos. O que nos impede agora?

— Para você é fácil falar. Você nunca teve que fazer isso. Quem me dera que meus pais também tivessem morrido, aí não precisaria esconder isso de ninguém. Mas, infelizmente, eles estão vivos e se eu contar isso para o meu pai quem vai morrer sou eu.

— Em algum momento você vai ter que contar, você sabe disso.

— Eu sei, mas não agora, ok?

— Quando então, Dan?

— Algum dia, não gosto de fazer promessas. Além disso, vamos aproveitar que eu tenho uma casa e não precisamos mais nos esconder no celeiro ou sair de fininho no meio da noite para fazer isso.

Murilo parecia meio decepcionado, mas concordou e, juntos novamente, os dois dormiram.

Na manhã seguinte, o primeiro a acordar foi Daniel. Ele dormiu do lado da cama que fica próximo à janela. Ele se levantou, se espreguiçou e se virou em direção à porta do quarto. Neste movimento, algo lhe passou na visão periférica, algo dentro do armário. Daniel viu um ser que parecia ter um olho, observando-o pela fresta da porta do armário. Daniel se assustou, um susto leve que o fez gritar. Ele andou até a porta do armário e a abriu por completo, vazio, apenas as roupas de cama. Daniel empurrou a porta para fechar o armário por completo, mas a porta, com um rangido, voltou para onde estava.

Com o barulho da porta se abrindo novamente, Murilo acordou e pergunta com uma voz sonolenta.

— Dan, aconteceu alguma coisa?

— Não, foi só minha impressão.

O dia seguiu normalmente, e os posteriores também. Ambos continuavam se encontrando de vez em quando. E Daniel continuava, vez ou outra, a ver o olho pela fresta, mas sempre que abria a porta, nunca encontrava nada.

Um ano se passou, Daniel continuava a morar na mesma casa, e amarrou a porta do armário com um barbante para mantê-la fechada. Daniel já conseguia se sustentar sem a ajuda dos pais e era bem feliz morando na fazenda Nóbrega. O sabor do relacionamento não assumido com Murilo era tão doce quanto as frutas que ele cultivava. Porém, isso estava prestes a mudar: a felicidade ia acabar e o doce ia azedar.

Em uma tarde de julho, Lúcio, o pai de Daniel, foi visitá-lo. Ele, no entanto, não estava sozinho, logo atrás dele vinha um outro senhor e uma garota, mais ou menos da idade de Daniel.

O senhor era carrancudo, com uma presença imponente e inabalável, vestindo sempre roupas de vaqueiro pretas da cabeça aos pés, desde o chapéu largo até as botas de couro reluzentes. No cinto, uma fivela de metal exibindo a letra “O”, dentro da qual se via a imagem de um cavalo. Seu grande bigode grisalho, grosso e bem aparado, dominava seu rosto, reforçando o ar severo e autoritário. Seus olhos escuros, profundos e atentos, esquadriharam cada centímetro da fazenda com um olhar firme e rápido.

A jovem tinha um ar delicado e sereno, vestida com uma saia azul até o joelho e uma camisa da mesma cor, complementadas por sapatilhas beges nos pés. Seu cabelo estava cuidadosamente preso por duas presilhas em formato de flor, dando um toque suave ao seu visual. No pescoço, ela usava um colar com o mesmo emblema da fivela do senhor. Seus olhos, idênticos aos do homem da fivela, eram escuros e profundos, carregando uma intensidade surpreendente para alguém tão jovem, como se compartilhasse o mesmo olhar observador e atento, mas em vez de olharem ao redor, estavam focados em Daniel.

O pai de Daniel se aproxima do filho e com uma voz grossa e séria diz:

— Filho, bom dia, esse é o senhor Otávio e a filha dele, Valentina. Nós estamos aqui para lhe propor algo.

— E o que seria? — perguntou Daniel um pouco nervoso do que viria.

— Eu quero que tu case com ela. — respondeu secamente o Sr. Otávio. Daniel não conseguiu esconder a cara de surpresa e espanto.

— Vocês estão brincando? – indagou Daniel em meio a um sorriso. Porém, o olhar severo dos senhores, corta instantaneamente o sorriso dele.

Daniel, agora sério, olha para o pai e pergunta:

— Pai, podemos conversar um minutinho? A sós?

— Claro. – responde o senhor Lúcio. – Só um minuto, senhor Otávio, fique à vontade.

Daniel e o pai entram na cozinha. O rapaz fecha a porta após o pai entrar e pergunta com um olhar sério:

— O que é isso, pai? Até um ano atrás você estava me pedindo para não me envolver com ninguém. E hoje você me vem pedir para casar com uma menina que eu nunca vi na vida?

— Fala um pouco mais baixo, Daniel. – repreende o pai – Eu sei o que eu disse, eu me lembro muito bem, mas a situação aqui é diferente. O Sr. Otávio e eu estamos em negociação para sermos sócios em um negócio. Durante a negociação, ele perguntou se eu tinha filho solteiro e eu respondi que sim. Ele está propenso a esse casamento, isso é necessário para firmar o acordo.

— E você aceitou me casar sem me perguntar com antecedência?

— Honestamente, Daniel, eu também não sou contra esse casamento, na verdade estou grato que ele propôs isso.

— O quê?!

— Vamos deixar as coisas mais claras aqui, Daniel, você nunca teve uma namoradinha, nem quando era criança, nunca mostrou interesse, até o seu irmão mais novo já namora, e você nada. Por uma época até achei que você viraria padre ou algo do tipo. Mas você também nunca mostrou interesse nisso.

— É a minha vida, pai, eu arrumo alguém quando eu quiser. – Essas palavras saem rasgando o peito de Daniel e

apertando o seu coração, com as lembranças das noites com Murilo lhe vindo à mente.

— As pessoas comentam, Daniel, já estavam começando a dizer que você gosta, na verdade, de homem. Acredite quando digo que esse casamento vai te poupar de muita dor de cabeça.

Daniel fica em silêncio olhando nos olhos do pai. Em sua mente ele apenas se lembrava do Murilo perguntando quando ele iria se assumir para o pai. Seria esse o momento? Se não fosse agora ele nunca mais poderia dizer.

— Pai ... eu ...

Daniel tenta falar, mas sua voz não sai, para ele era como se tivesse uma melancia entalada na garganta.

— “Eu”? – balbucia Lúcio.

— Eu aceito o casamento.

Naquela noite, após se encontrar com Murilo, enquanto ambos estavam deitados abraçados na cama, apenas aproveitando o momento e escutando alguns trovões a distância, Daniel decidiu contar o que havia acontecido.

Depois de escutar tudo em silêncio, Murilo senta na cama de costas para Daniel, com uma feição de fúria e desapontamento.

— Eu não acredito que você fez isso. – comenta Murilo de forma ríspida.

— Eu tive que fazer isso.

— Teve mesmo, Daniel? De verdade, seja honesto comigo, a nossa relação não passa de uma brincadeira para você?

— Claro que não, Murilo, eu nunca tratei a nossa relação como uma brincadeira. – A voz de Daniel, calma e baixa, tentava passar esse sentimento para o parceiro.

— Pois não parece. Você não fez nem questão de tentar. Você sabe o quanto isso dói em mim? Por toda a minha vida eu passei sozinho, até te encontrar, mas isso não muda o fato que para o resto do mundo eu ainda sou sozinho. Para mim não basta ter a companhia, eu gosto de mostrar que estou acompanhado. Eu gostaria de gritar para o mundo que eu tenho um namorado, mas não posso porque meu companheiro tem medo do papai dele.

— Eu... — Daniel começa a formular uma resposta, mas desiste no meio.

— Agora você vai se casar com uma menina que nunca viu na vida apenas para que seu pai consiga um acordo. — Murilo continua. — E a gente, vamos ter que voltar a nos encontrar no celeiro? Sair de fininho durante a noite?

— Provavelmente, durante a noite eu não vou poder sair, já que ela vai estar dormindo no mesmo quarto que eu. — Daniel diz com uma voz baixa, com a cara de uma criança que fez algo errado.

— Você só pode estar brincando, né?

— Amor...

— Não me chama de amor, durante todos os nossos anos eu te chamei de apelidos carinhosos e você nunca retribuiu, sempre me chamou apenas de Murilo.

— Por favor, se acalme!

— Eu sempre fui calmo por todos esses anos, eu tive paciência com você, mas para mim deu.

Murilo começa a pegar e vestir suas roupas de forma apressada. Ele não olha e nem dirige mais a palavra para Daniel.

— Murilo. Por favor Murilo. — Daniel se levanta e tenta impedir que o parceiro saia. — Vamos conversar isso com mais calma. Deve ter um jeito.

Murilo para e olha de maneira séria nos olhos de Daniel, e pergunta:

— Você vai se assumir para o seu pai?

Daniel fica em silêncio.

— Então não temos nada que conversar. Adeus. O que nós tínhamos acabou.

Murilo saiu da casa, uma chuva começou enquanto eles discutiam. Daniel pensa em ir atrás, mas para no batente da porta e cai de joelhos, enquanto as lágrimas caem do seus olhos. Já Murilo andava de maneira firme e séria, ele também chorava mas elas eram suprimidas e se misturavam na chuva que caía sobre o seu rosto.

Depois desse dia, Murilo nunca mais voltou na casa de Daniel.

Daniel volta para o quarto ainda chorando e apaga a luz, deita na cama, e começa a tentar dormir. Quando estava quase caindo no sono, ele é acordado por um barulho alto:

SLAP!

Daniel se vira em direção ao barulho: era o seu armário. A corda que segurava a porta frouxa havia estourado, a fresta estava aberta de novo e, dentro dela, não havia um olho, e sim, um par. Dois grandes olhos o escrutinando. Daniel ficou observando com medo, os olhos vigiando ele, e ele vigiando os olhos.

Em algum momento, o cansaço de Daniel venceu e ele dormiu, mas os olhos continuaram a vigiá-lo.

Um mês se passou desde o aceite do casamento. Agora faltava pouco tempo até a cerimônia: em uma semana, Daniel e Valentina se casariam. Durante esse primeiro mês, Valentina

costumava visitar Daniel. De vez em quando, eles conversavam e se conheciam melhor. Durante uma de suas conversas, Daniel perguntou:

— Por que o seu pai quer arrumar um casamento para firmar contratos? Ele ficou parado no século passado?

Pergunta que foi respondida em meio a uma risada tímida:

— Os meus avós, pais do meu pai, se casaram assim e ele e a minha mãe também se casaram dessa forma. Acho que é a única forma de casamento que meu pai conhece. Mas não se preocupe, não obrigarei nossos filhos ou filhas a seguirem esse caminho.

Daniel sentiu o seu estômago cair quando escutou as palavras “filhos ou filhas”, e em um sorriso amarelo, ele apenas responde com um:

— É, que bom.

Naquela noite, mais um olho surgiu na fresta; três olhos observando ele dormir.

Uma semana se passou, o dia do casamento chegou. Mesmo não se vendo depois de um mês, Daniel convidou Murilo para o casamento, na esperança de que ele fosse e ambos pudessem conversar novamente.

O casamento não foi realizado na igreja, apesar da religiosidade de ambas as famílias, mas sim no quintal da casa do Sr. Otávio, praticamente quase toda a pequena cidade de Atiu foi convidada. Era um domingo e, pela primeira vez, não houve missa, pois o padre estava na Fazenda Crovenoff para realizar o casamento de Valentina Crovenoff e Daniel Batista.

Daniel mal tinha conseguido dormir aquela semana, e não foi por ansiedade ou antecipação do casamento, e sim por causa do olhar de dentro do armário. Ele só conseguiu dormir bem nos dois últimos dias antes do casamento, quando decidiu sair do quarto e ir dormir no sofá da sala. Porém aquela

sensação de estar sendo observado e julgado continuava sobre ele, emanando do quarto.

A cerimônia estava para começar e Daniel olhava ansioso de um lado ao outro tentando reconhecer os rostos que estavam ali e procurando pelo de Murilo, mas nem sinal dele. Daniel usava um terno azul escuro, sapatos pretos e uma flor branca na lapela. Seu pai estava ao lado dele e notou esse nervosismo. Para tentar acalmar o filho, disse:

— Não se preocupe, filho, vai dar tudo certo.

Daniel apenas assente com a cabeça.

O padre se aproxima de Daniel, o cumprimenta com um aceno de cabeça e diz:

— Você é o noivo, certo? Por favor, irei pedir que vá para a sua posição. A cerimônia já vai começar.

Daniel, em silêncio, obedeceu, ele vai até a ponta de um tapete vermelho que havia sido estendido para a entrada dos noivos, dos padrinhos e madrinhas. Daniel seria o primeiro a entrar acompanhado pela mãe, que estava quase se desfazendo em lágrimas de emoção. Ela deixa ele num altar improvisado e vai se sentar. Agora, parado do lado do padre Daniel, viu cada um dos padrinhos e madrinhas entrarem. E, por fim, Valentina, vestindo um grande vestido branco e um véu enfeitado por flores brancas sobre a sua cabeça, entra de braços dados com o seu pai, o Sr. Otávio. Ao chegar no altar, o pai de Valentina dá um beijo na testa da filha, cumprimenta o padre com a cabeça, e com um aperto de mão cumprimenta Daniel. E, assim, o casório começa.

O padre conduz a cerimônia de maneira costumeira, com todos em silêncio o escutando falar. Após alguns minutos da celebração, o padre pede para que Daniel leia os votos que preparou, e logo depois da leitura, pede o mesmo para Valentina. Após a leitura, a daminha e o pajem entraram pri-

meiro, carregando a aliança do noivo e, o outro, o anel da noiva. Daniel pega a aliança e a faz como o padre diz:

— Daniel, repita depois de mim: “Valentina, com essa aliança...

— Valentina, com essa aliança...

— “...prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.”

— prometo ser-te fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida.”

Em seguida, ele pede que Valentina repita as mesmas frases e então parte para a finalização da cerimônia.

— Então pelos poderes a mim concedido, pela Santíssima Trindade e a Santa Igreja Católica, eu peço, se há alguém aqui que seja contra esse matrimônio, que diga agora ou cale-se para sempre.

O coração de Daniel acelerou, será que era isso? Essa era a deixa para o Murilo aparecer e dizer que o amava. Mas, e se ele não viesse? Essa também era a última chance de se revelar para todos ali. Será que ele mesmo devia fazer isso?

Os pensamentos de Daniel foram interrompidos pela voz do padre, que dizia:

— Com todos de acordo com essa união, e em nome do Pai, Filho e Espírito Santo, – Ele faz o sinal da cruz com o braço direito – eu vos declaro marido e mulher. Sr. Daniel, pode beijar a noiva.

Daniel olha para Valentina, levanta o véu e a beija.

Na cabeça dele, a única coisa que se passava era o pensamento de todas as oportunidades perdidas que ele poderia ter contado a verdade. E agora, essa verdade será levada para o túmulo com ele, e apenas ele, Murilo e Deus saberão dela.

Naquele dia, após a festa de casamento, o casal passou a noite em uma casa de campo da família Crovenoff. A casa era toda feita de madeira, tinha uma sala, uma cozinha e dois quartos, um de hóspedes e outro de casal, este último sendo onde Daniel e Valentina passariam a noite.

Valentina estava em êxtase, vivendo um sonho. Assim que chegou, sem nenhuma vergonha, despiu-se do seu vestido, guardando-o no saco de proteção. Ela estava bem confortável na presença do seu marido, tanto que ela começou a encher uma banheira que havia no banheiro do quarto do casal e, enquanto o vapor da água quente começou a preencher o banheiro, ela começou a tirar o pouco de roupa que lhe restava.

Daniel viu tudo e não sentiu nada.

Ele a deixou se banhar e foi na cozinha tomar um copo de água, mas não para matar a sede. Uns dias antes ele, havia pedido para que um dos funcionários do seu pai fossem na farmácia e comprasse umas pílulas para que pudesse satisfazer a sua noiva sem nenhum problema.

E, após essa noite, eles viajaram para a lua de mel em alguma praia de algum estado do Nordeste.

E, enfim eles voltaram, depois de um mês, para a cidadezinha de Atiu, e assim que chegaram, foram direto para a casa de Daniel, o local onde será o lar do casal. Devido ao cansaço da viagem, Valentina foi direto para o quarto para descansar. Já Daniel foi dar uma volta na propriedade.

Assim que ele pisou para fora de casa, ele observou um carro se aproximando, o carro do seu pai.

O Sr. Lúcio chegou, parou o carro e saiu, em sua face um semblante sério e ao mesmo tempo triste, esses elementos não passaram despercebidos por Daniel.

— Pai? O que você está fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa?

— Aconteceu sim. — Lúcio olha para o filho. — Enquanto você estava fora. O Murilo, ele...

— O que aconteceu com ele, pai?

— Ele morreu, filho. Aparentemente, ele se jogou da ponte, aquela alta que passa sobre o rio São João. Eu não quis avisar antes para não atrapalhar a viagem de vocês.

A vontade de cair no chão e chorar era grande dentro de Daniel, ele se permitiu a deixar uma ou duas lágrimas caírem, mas só de pensar que a última vez que se viram foi durante uma briga, que não conseguiram fazer as pazes e não farão, pelo menos não em vida.

— Obrigado, pai, eu... eu vou descansar um pouco e... talvez amanhã ou depois eu vá ver o túmulo dele.

— Tudo bem, descanse mesmo, vai ser melhor.

Quando o Sr. Lúcio foi embora Daniel, se desfez em lágrimas, ele não se aguentou e chorou sentado na cozinha, tentou chorar o mais baixo possível para não acordar Valentina. Depois de chorar até que suas lágrimas secassem, ele foi se deitar e tentar dormir um pouco.

Valentina ainda dormia, deitada na cama do lado da janela, sobrando apenas o lado voltado para o armário para Daniel se deitar. Ele andou para a cama nas pontas dos pés, se sentou, tirou os sapatos e se deitou de olhos fechados, mas um barulho o fez abrir os olhos, o barulho de uma porta rangendo.

Daniel abriu os olhos lentamente e olhou na direção do barulho. Era o armário novamente. Mas desta vez não havia apenas três olhos, mas sim centenas, desde o topo da fresta até a parte de baixo dela, centenas de olhos, todos virados para Daniel.

Ele se levanta num susto e fecha a porta do armário com uma pancada. Todo esse barulho acabou acordando Valentina.

— Amor? Aconteceu algo?

— Não foi nada.

Normalmente, após tentar fechar a porta, os olhos não apareceriam por um tempo, mas naquela noite isso não aconteceu. Daniel tentou deixar a porta aberta, mas ela lentamente se fechou até sobrar uma fresta e as centenas de olhos apareciam. E se ele tentasse fechar, o mesmo acontecia, não importava se ele amarrasse ou apoiasse a porta com algo, ela sempre se abria.

Daniel tentou ir dormir na sala, mas não demorou muito para que seus sonhos fossem assombrados por esses olhos.

Toda noite, ele sonhava a mesma coisa: em uma escuridão total, os olhos estavam em todas as partes, observando, julgando. Ele tentava fugir, mas não importava o quanto corresse, ele nunca poderia se livrar daquilo. Habitualmente, ele acordava depois de se afundar em um lodo negro.

E assim foi a vida de Daniel, por pelo menos duas semanas, ele viveu esse inferno.

Porém, um dia, o pesadelo mudou.

Daniel tentava fugir dos olhos e, como sempre, ele caiu no lodo, mas ele não acordou. Ele afundou e, no fundo do lodo negro, encontrou uma pessoa. Era alguém que vestia roupas simples, em seu pé tinha um tijolo amarrado. Daniel “nadou” até essa pessoa, e quando chegou perto, notou quem era, e isso congelou a sua espinha.

Era o Murilo.

Seu corpo tinha uma aparência pálida e enrugada, ele certamente passou muito tempo dentro da água. Daniel se aproxima e toca no corpo. Os olhos, brancos como leite, se abrem. Daniel estava paralisado, não conseguia reagir ou fugir.

A boca de Murilo se abre mostrando uma língua cinza e dentes escurecidos, apenas um som sai dela:

— SUA CULPA.

Daniel acorda, seu corpo suado como se realmente tivesse nadado em um rio. E para ele aquilo foi a gota d'água, ele daria um fim a tudo isso.

Ele se levantou, foi ao banheiro para secar o suor e se trocar, ele sai de casa e vai até um pequeno galpão ao lado do curral, pega um machado e volta para dentro de casa. Valentina, que já estava acordada e fazia um café na cozinha, observou o marido indo até o quarto com um machado.

— Querido, está tudo bem?

Daniel não responde, sua visão era um túnel e o armário era o fim desse túnel. Ele chega no quarto e a primeira porta que ele golpeia é a porta frouxa, ele descarregou toda a dor que sentia naquele armário. Ele golpeou tudo, toda vez que encontrava uma roupa ele a jogava para o outro lado do quarto. Já era a hora do almoço quando Daniel terminou de destruir totalmente o armário. Valentina, parada na porta, apenas olhou com todas as tentativas de parar o marido falhadas.

— Amor, o que está acontecendo? Por que você fez isso? – perguntou Valentina, a mão dela tremendo por causa do choque.

— Eu estou cansado disso! Não aguento mais!

Ele largou o machado em cima do que minutos antes era um armário. Ele pega um caderno, uma caneta e uma faca na cozinha e sai andando. Valentina vai atrás, mas não consegue acompanhar o ritmo.

Ele escreve enquanto manda uma mensagem direcionada ao pai e à mãe. Nesta carta, ele escreve:

Queridos mãe e pai,

Escrevo esta carta para compartilhar algo importante sobre mim, algo que guardei por muito tempo, mas que agora sinto que isso está me corroendo por dentro. Eu amava e ainda amo o Murilo. Nunca quis me casar com a Valentina, não quero uma família, pelo menos não desta forma. Mas agora eu estou leve de ter contado para vocês. Eu estou indo agora encontrar com o verdadeiro amor da minha vida.

Com amor, seu filho.

Daniel.

Daniel andou a tarde inteira até chegar no cemitério de Atiu. Quando ele chegou no cemitério o sol já estava se pondo. Ele entrou no cemitério, procurou o túmulo do Murilo, e o encontrou.

— Estou indo, meu amor.

Daniel coloca a faca na própria garganta e corta a sua jugular. O sangue escorre por todo o seu corpo e pinga sobre o túmulo do Murilo. Os joelhos de Daniel começam a fraquejar e as pálpebras começam a pesar. A última coisa que Daniel consegue ver é a foto do sorridente Murilo, que foi colocada sobre a tumba dele, e, depois, a escuridão. Após algumas gotas caírem, o corpo do Daniel cai sobre o túmulo.



A mão que bate à porta

Valentina ficou viúva aos vinte e dois anos de idade, após o suicídio de seu marido. Porém, ela não teve muito tempo para ficar de luto, pois três semanas depois, os sintomas de sua gravidez começaram a aparecer. Devido à recente viuvez, ela mal tinha notado o atraso da sua menstruação. Os enjoos e vômitos foram considerados como nada além de estresse e sofrimento em decorrência da perda de seu marido. Quando resolveu ir ao médico, recebeu a notícia de que esperava um bebê.

Valentina era a irmã mais nova de três irmãos e duas irmãs, sendo a última, dentre as meninas, a se casar. Valentina já era acostumada com gravidez e recém-nascidos, visto que uma de suas irmãs tinha dois filhos e a outra tinha quatro. No entanto, uma coisa é lidar com a gravidez de outras pessoas, mas lidar com a própria gravidez é outra completamente diferente.

A grávida quase nunca consegue manter a notícia apenas para si. Por conta disso, Valentina contou a boa nova para os pais e irmãos e, também, para a família do falecido marido. Por algum motivo incomum, eles pareceram realmente surpresos: o sogro chegou a perguntar para ela se isso não era um tipo de brincadeira ou pegadinha, o que ela negou veementemente dizendo ser verdade. Com a confirmação da chegada de um novo membro à família do falecido marido, todos estampavam um sorriso no rosto, algo que não acontecia desde o ocorrido.

O sogro era quem estava mais feliz, foi ele o primeiro a encontrar o corpo do filho cemitério, caído com a garganta cortada e a faca na mão.

— Não houve nenhum bilhete de despedida. — disse Lúcio quando foi perguntado sobre alguma última palavra de Daniel. — Havia um caderno e uma caneta, mas nada escrito.

Essa foi a última vez que viu o filho. Ele não foi no velório, segundo a esposa, por não querer ver o Daniel em um caixão, e assim a escolha foi respeitada. Daniel foi enterrado no dia 21 de setembro de 1981.

A gravidez de Valentina foi um tanto solitária durante os três primeiros meses. Ela ficava sozinha na Fazenda Nóbrega, cuidava da casa e dos ambientes ao redor. Mas quando a barriga começou a aparecer, a mãe de Valentina, Isabella, decidiu contratar alguém para ajudar e cuidar dela.

Várias mulheres foram entrevistadas por Valentina e sua mãe, muitas foram rejeitadas. Até que um dia, enquanto elas esperavam a próxima candidata, escutaram um som familiar:

TOC.

TOC.

TOC.

Três batidas secas e lentas na porta da casa de Valentina. Ela e a mãe se entreolharam se perguntando quem poderia estar batendo à porta, visto que a próxima entrevistada estava prevista para chegar apenas daqui a uma hora.

— Pode entrar. — disse a mãe de Valentina.

A porta abriu lentamente, realçando o som rangente das dobradiças. Uma mulher entrou, ela tinha cerca de 50 anos, com a aparência marcada por uma mistura de simplicidade e força interior, que refletia tanto sua história pessoal quanto sua época. Trajada quase inteiramente de preto, seu vestido, claramente de outra década, cobria seu corpo até os tornozelos, evocando tradição e modéstia. Nos pés, sapatilhas bege discretas, adequadas para um modo de vida humilde e dedicado. Seu rosto, marcado por rugas, carregava um ar de serenidade profunda, o tipo de calma que apenas a experi-

ência traz. Apesar dos sinais da idade, como a catarata que encobria parcialmente seus olhos, o marrom escuro de seu olhar era atento e acolhedor. Seu cabelo, também marrom escuro, tinha alguns fios grisalhos que estava preso por uma faixa de pano branca que o cobria, deixando metade do cabelo aparente, um toque simples e prático, refletindo seu estilo de vida desprezioso. Ela carregava uma mala de mão, esta era adornada com um crucifixo de ferro. Embora sua aparência fosse modesta e marcada pelo tempo, a aura dela emanava calma e espiritualidade.

— Olá – disse a mulher – soube que vocês estão procurando uma cuidadora e ajudante. Eu gostaria de me candidatar.

— E você, quem seria? – perguntou a mãe de Valentina com toda educação.

— Ah! Onde estão meus modos? Prazer, meu nome é Amari.

— Prazer, Isabella. – disse a mãe de Valentina – E esta é a minha filha Valentina, é ela de quem você deve cuidar e ajudar, isto é, se você for de nosso agrado.

— Ah, que bela você é, quantas semanas já de gestação?

— Quatorze. – respondeu Valentina.

— Bem, vamos começar a entrevista? – interrompeu Isabella apontando para o sofá – Por favor, sente-se.

Amari andou até o sofá, seus pés, não emitiam nenhum som ou ruído enquanto andava. Ela se sentou no sofá com a maior delicadeza do mundo, colocou a mala entre os calcanhares e os pés e cruzou as mãos em cima do colo. Valentina sentou em uma poltrona à direita de Amari e Isabella em uma cadeira em frente à entrevistada.

— Bem, Sra. Amari – começou Isabella – quais são as suas qualificações e experiências em cuidado com de grávidas e bebês?

— Bem, eu não tenho em papel as minhas experiências, mas isso é porque eu ajudei todas as gestações das minhas irmãs mais velhas e a cuidar dos meus sobrinhos. Eu sou a mais nova de seis irmãs, e todas elas tiveram pelo menos dois filhos cada, e eu mesma já estive grávida uma vez.

— Sério?! Então você também é mãe? Como chama o seu filho ou filha?

— Se chamaria Luciano. — Amari respondeu com a voz baixa enquanto encarava o chão— Mas eu infelizmente tive problemas no parto e o bebê não sobreviveu.

— Oh! — exclamou Isabella

— Sinto muito pela sua perda. — disse Valentina enquanto apoiava a mão no joelho de Amari.

— Isso já faz um tempo, mas fico grata pelas condolências. — Amari retribui e coloca a mão sobre a de Valentina.

Neste momento, Valentina sentiu algo incomum, um calor quente e confortável no coração, uma ternura calorosa vinda do toque de Amari. Valentina sentiu o toque do amoroso de uma mãe.

— E sobre cuidados infantis, Amari, o que você sabe? — perguntou Isabella.

— O que eu sei foi ensinado pela minha mãe. — ela se abaixa, abre a pequena maleta e tira um caderno não muito grande e com as páginas amareladas pelo tempo. — Eu anotei tudo aqui, desde dicas para trocar um bebê até receitas caseiras que são ótimas para ele crescer bem e saudável, algumas feitas para a grávida tomar durante a gestação.

Isabella folheia o caderno, de vez em quando parando para ler algo que chamasse sua atenção e depois continuava a folheá-lo.

— Você é bem dedicada. — comentou Valentina.

— Querida, o que aconteceu comigo é algo terrível e eu não quero que aconteça com mais ninguém. — Amari se vira

para Isabella – pode ter certeza que sua filha e o bebê que ela carrega estarão em boas mãos.

— Estou vendo. – disse Isabella fechando o caderno e devolvendo-o para Amari – E você mora longe daqui? É difícil para você ir e vir?

— Bem, sobre isso. – Amari guarda o caderno e fecha a mala – Eu sou uma itinerante. Desde que meu marido morreu, eu venho andando por essas terras ajudando quem precisa em troca de um prato de comida e um banho quente. Seria um problema eu dormir aqui nesta casa? Não preciso de uma cama, eu consigo me encaixar em qualquer cantinho. E isso seria até melhor, porque aí eu posso estar à disposição da sua filha vinte e quatro horas por dia.

— Ah! Isso seria ótimo na verdade. – disse Valentina – É que essa casa é tão longe de tudo e todos, vai ser bom ter uma companhia para poder conversar.

— Bem, Sra. Amari – disse Isabella – nós ainda temos uma entrevista para fazer e gostaríamos de ouvir todas antes de bater o martelo, sabe? Então, fique por perto e quando tomarmos nossa decisão te avisaremos.

— Tudo bem. – disse Amari se levantando – Espero que tenha agradado o gosto de vocês.

— Agradou, e muito. – respondeu Valentina.

As três andaram até a porta para se despedirem. Porém algo as interrompeu. Uma pessoa veio correndo e abriu a porta sem nem ao menos bater. Era um homem suado que vestia roupas simples e um chapéu de feltro. Ele pôs a mão encima do peito para recuperar o fôlego e quando conseguiu finalmente falou.

— Desculpa a intromissão. Eu sou o João, irmão da Francisca. Ela tinha me dito que viria aqui hoje para uma entrevista, certo?

— Meu Deus homem, que susto você nos deu. — disse Isabella colocando a mão no coração tentando acalmá-lo — Sim, a entrevista dela é daqui a meia hora. O que você quer?

— Eu vim avisar que ela não virá. Deu algo nela. Ela estava bem em um minuto e no outro estava desmaiada. Tentamos de tudo, mas ela não acorda.

— Meu Deus! — exclamou Valentina colocando a mão sobre a boca desacreditada.

— Eu vim avisar para vocês não esperarem por ela. E também não se preocupem, ela já foi levada para um hospital de ponta. — ele toma mais um pouco de ar — Desculpe o incômodo mais uma vez e tenham um bom dia.

— Para você também, e melhoras para sua irmã. — disse Isabella.

— Obrigado, senhora. — João diz com um aceno de cabeça, ele sai andando pelo caminho de onde veio.

A mãe e a filha se entreolham, e finalmente Valentina diz:

— Amari, sei que essa condição não é a melhor, mas você gostaria de ser minha ajudante e cuidadora? Se quiser pode começar agora mesmo.

— Isso é sério? — pergunta Amari olhando para Valentina. Esta confirma com um aceno de cabeça e um sorriso.

— Claro que aceito. — responde Amari com um sorriso discreto.

Após a primeira semana de trabalho, Amari e Valentina já eram, além de empregada e empregadora, grandes amigas. Amari ajudava Valentina nas atividades domésticas como cozinhar e limpar. Além disso, ajudava também no cuidado

da fazenda especialmente no que se refere à horta. Logo no primeiro dia de trabalho, Amari foi para a horta e, em um pequeno canteiro vazio, plantou seis sementes da mesma planta, uma planta não muito conhecida, chamada *fineri*.

— O fruto dessa planta, quando batida, é uma vitamina perfeita e saudável para mulheres grávidas. — explicou Amari, quando foi questionada por Valentina — O gosto não é bom, mas vai fazer o seu bebê crescer forte e saudável.

E ela estava certa, o gosto era horrível. Na primeira vez que Valentina tomou, sentiu um gosto de leite estragado, maçã podre e couro mofado invadirem a sua boca, fazendo com que ela sentisse vontade de vomitar. Quem diria que uma frutinha tão pequena, a ponto de ser menor que uma jabuticaba, e vermelha como o sangue, poderia causar esse estrago?

— É assim mesmo, com o tempo você se acostuma com o gosto. Mas tomando um copo desses de manhã e à tarde, o bebê será forte e saudável.

E novamente ela estava certa. Após duas semanas tomando a estranha vitamina, o gosto começou a amenizar, e Valentina começou a bebê-la como se o gosto não fosse ruim.

Era notável o crescimento da barriga de Valentina. O bebê que ali vivia já começava a se agitar. Era normal que Valentina acordasse no meio da noite com o bebê chutando sua barriga e se movendo dentro da bolsa.

No início da 23ª semana de gestação, Valentina foi levada pelos pais para fazer os exames corriqueiros e perguntar para o médico qual seria o sexo do bebê. Valentina sabia que Otávio Crovenoff, seu pai, gostaria que fosse um menino. Era senso comum para ele que o primogênito de qualquer casal deveria ser um menino, e para o gosto dele, a família inteira seguiu esse senso: todas as irmãs de Valentina tiveram como primeiro filho um menino. E para a alegria de Otávio, o futuro bebê da família também seria um menino.

Assim que chegou em casa, depois da bateria de exames, Valentina contou a notícia para Amari:

— Vai ser um menino, Amari. Um menino!

— Como o Lorde gostaria que fosse. – respondeu Amari com as mãos juntas como uma prece. – Já sabe o nome que vai dar para ele?

— Sei sim, Adriano.

— É um nome bonito esse, estala na boca quando se fala. Bem marcante.

— Era o nome de um irmão meu que morreu muito jovem, por picada de cobra.

— Sinto muito. – consolou Amari.

— Tudo bem, já faz bastante tempo.

— Sra. Valentina, acredite quando eu digo, Adriano é nome de alguém que será poderosíssimo.

— Assim espero.

Naquela noite, Valentina dormiu sem que Adriano a incomodasse.

No final do primeiro mês do terceiro trimestre, a família Crovenoff fez uma grande festa de chá de bebê na casa de Valentina, convidando amigos e parentes para festejar a chegada do novo membro da família.

Também foram convidados para essa festa a família do falecido marido. Lúcio e sua esposa estavam presentes e a presentearam com um berço.

Durante a festa, Lúcio se aproximou de Valentina para conversar com ela. Valentina estava sentada em uma cadeira e ao lado dela estava sentada Amari.

— Olá, Valentina. – cumprimentou Lúcio.

— Sr. Lúcio, quanto tempo. – Valentina levanta da cadeira com um pouco de dificuldade e abraça o ex-sogro.

— Sra. Valentina, não se levante – Amari tenta impedir, mas sem sucesso.

— Ela tem razão, Valentina, não se esforce muito, eu só queria saber como você estava e como tem passado. O menino está bem? Já decidiu qual vai ser o nome dele?

— Sim, Adriano vai ser o nome dele. – Valentina se senta novamente. – Ah! Onde estão meus modos? Acho que vocês dois não foram apresentados ainda. Sr. Lúcio, essa é Amari, minha ajudante e cuidadora. Amari, esse é o Sr. Lúcio, avô paterno do bebê.

— Prazer em conhecê-la. – disse Lúcio estendendo a mão para um cumprimento.

— O prazer é todo meu. – respondeu Amari, apertando a mão de Lúcio.

Eles ficaram nesse cumprimento mais do que se é comum. Mas isso foi mais culpa de Lúcio do que de Amari. Ele segurou a mão dela e a encarou por uns cinco segundos, como se ele estivesse buscando alguma coisa na memória dele. Quando enfim percebeu que o aperto de mão estava durando mais do que devia, ele soltou a mão de Amari e voltou a falar com Valentina.

— Valentina, eu comprei um berço para o bebê. Ele já está montado, quer que eu leve ele para dentro?

— Se não for incomodo para o senhor.

— De maneira alguma. Quer que coloque no seu quarto?

— Sim, por favor. Mas vai ter que mover um móvel de lugar. Eu não quero que o berço fique embaixo da janela, então pensei em mover aquela antiga cômoda para debaixo da janela e colocar o berço do lado da porta do quarto.

— Certo, entendi. – respondeu prontamente Lúcio.

— Por favor, Amari, você pode ajudá-lo? – Valentina diz colocando a mão no ombro de Amari.

— Claro, senhora.

O berço tinha sido deixado na porta da frente da casa. Lúcio foi até ele e tentou carregá-lo sozinho, mas ao notar a dificuldade do senhor, Amari decidiu intervir.

— Deixe-me te ajudar.

Ela pegou em uma ponta do berço e Lúcio ficou na outra, dessa forma os dois carregaram o berço até o quarto do casal, onde Valentina dormia. Eles deixaram o berço do lado de fora e entraram para mudar a cômoda do lugar.

Ao contrário do armário novo, o antigo havia sido destruído em um ataque de raiva do marido de Valentina, a cômoda era a mesma desde os primeiros donos. Ela e a cama nunca foram trocadas de lugar antes. Assim como foi o transporte do berço, Amari ficou em uma ponta da cômoda e Lúcio na outra, enquanto ela puxava, ele empurrava. E com esse trabalho duro, eles conseguiram colocar a cômoda embaixo da janela e o berço ao lado da porta.

Depois de todo esse esforço, eles se sentaram na cama para recuperar o fôlego e descansar. Neste momento, Lúcio comenta de maneira ofegante.

— Sabe ... Você me ... lembra alguém.

— Sério? – responde secamente Amari – Quem?

— O casal...Que fez essa casa. O marido trabalhava para mim. Ele era casado com uma mulher que era quase igual a você.

Amari para de ofegar, a respiração dela fica silenciosa e lenta, a pele mais pálida. Apesar do sol entrando pela janela, um ar gélido dominava o quarto.

— E o que aconteceu com eles? – Pergunta Amari, sem nenhuma emoção na voz.

Lúcio abraçou a si mesmo sentindo o ar gelado do quarto, e respondeu olhando para o chão.

— O marido matou a esposa e depois se matou. — Ele se levanta da cama — Só achei curioso o fato de você ser semelhante à esposa.

Lúcio saiu do quarto, em nenhum momento enquanto conversavam eles trocaram olhares, mas mesmo assim, Lúcio sentia o fulminar vindo do olhar da ajudante.

— Tenho que ir. Adeus. — ele se despede da porta do quarto, ainda sem encarar Amari.

Ele sai do quarto de volta à festa. No caminho, encontra sua esposa e lhe diz que eles têm que ir embora. A princípio, ela reluta e questiona o porquê, mas no final aceita ir embora. Eles se despedem da grávida.

— Tome cuidado, Valentina. — é a única coisa que Lúcio diz após se despedir de maneira agitada, causando um estranhamento em Valentina.

Lúcio sentia que devia tentar proteger a nora e o neto, mas o medo o dominava, ele não teria coragem para isso. Lúcio e a esposa entram na Kombi e partem, porém, por uma fração de segundo, Amari entra no campo de visão de Lúcio, foi por pouco tempo, mas o suficiente para notar uma figura escura parada atrás dela, acenando em despedida.

Algumas semanas depois, a bolsa se rompeu tarde da noite. Uma chuva torrencial caía lá fora e Amari corria de um lado para o outro preparando as coisas para ali mesmo fazer o parto. Toalhas, lençóis, uma tesoura e um isqueiro. Além desses utensílios básicos, pegava outras coisas para fazer o que podia para que o bebê nascesse de forma saudável e segura. Valentina se esforçava, cada contração vinha com uma dor inigualável. A dor foi tanta que, após algumas horas, ela

desmaiou. O que aconteceu após isso foi simplesmente um borrão na memória de Valentina.

Quando ela acordou já era dia, apesar de que o sol estava encoberto por nuvens pesadas da chuva que ainda caía. Valentina não estava mais no quarto, estava no sofá da sala. Ela ainda sentia uma leve pontada na região da virilha devido ao parto, mas essa dor não a impedia de andar.

A casa estava silenciosa e um pouco escura. Na cozinha, Valentina achou alguns utensílios sujos com o sumo da fruta *fineri*. A mamadeira, que sempre era guardada à vista como um lembrete da vinda do bebê, havia sumido. Valentina olhou para a bagunça se perguntando o porquê de Amari ter feito mais vitamina da fruta se ela não estava mais grávida. Enquanto essa pergunta passava pela cabeça de Valentina, um som atravessava por seus ouvidos. Uma canção que vinha do quarto.

Valentina seguiu a origem da música se apoiando de vez em quando nas paredes. Conforme ia se aproximando o som, antes abafado, começou a se tornar mais claro:

— Per Aspera ad Inferi. Per Aspera ad Inferi.

Era a voz de Amari. Valentina abre a porta do quarto lentamente e assim que olha para dentro, vê Amari segurando o bebê, parada no canto entre a janela e a cabeceira da cama, encharcada com o sangue do parto.

— Sabe, Valentina, eu sempre quis um filho. — Amari começa a falar sem se virar — Eu fiz de tudo, tentei todos os dias, marquei no calendário, rezei para todos os santos pensáveis e impensáveis, desde Geraldo Majella até mesmo São Judas Tadeu. Mas nunca engravidei.

— Mas você tinha dito que havia perdido o seu filho no parto. — Valentina entra e fecha a porta.

— Minha jovem, você é muito ingênua, eu menti. Eu nunca engravidei, e morri sem conseguir isso.

— Morreu? – a voz de Valentina fica mais trêmula.

— Assim como a minha história, eu menti também sobre meu nome. Eu não me chamo Amari, mas sim Maria, Maria Pinheiro Nóbrega.

Valentina titubeou, apoiando o peso sobre o berço. Esse nome era bem familiar para ela, pois na infância todo mundo conheceu a história de Maria Nóbrega, a mulher que morreu com um crucifixo na cabeça.

— Sabe querida, – continuou Maria – depois que morri eu descobri uma maneira de viver o meu sonho. Depois que o crucifixo caiu eu me encontrei em um lugar completamente escuro, mas mesmo naquela escuridão eu consegui ver uma luz, e andei até ela. E ela também começou a se movimentar até mim. Quando nos aproximamos, notei que não era uma luz e sim um homem, a luz emanava dele. Ele usava um terno completamente escuro, no dedo um anel com um diamante negro, e na mesma mão em que o anel estava ele segurava uma bengala com um bode entalhado.

Valentina escutava atentamente, nem o som dos trovões e o brilho dos raios a distraía. Enquanto ainda estava apoiada no berço, os olhos dela começaram a esquadrihar o quarto em busca de algo para se defender e salvar o bebê.

— Esse ser me fez uma proposta. Eu poderia finalmente ser mãe, se o filho fosse dele.

— O quê? – Valentina se questiona confusa.

Nesse momento, um som vem da porta da casa, o som da porta da frente abrindo de maneira brusca.

BAM!

Em seguida ouviu-se o som de passos, andando lentamente.

TUC...TUC...TUC

— O que você quer dizer com filho dele? Esse filho é meu e do Daniel.

— Eu sei. — respondeu Maria, sua aparência cada vez mais cadavérica — O suco daquela fruta é usado para rituais de possessão, quando Ele possuir o Adriano, eu irei te possuir e assim ambos estarão satisfeitos.

O coração de Valentina batia como se estivesse em uma montanha russa. Ela tinha que pensar rápido e neste momento um brilho chegou aos seus olhos, era a tesoura, aquela que havia sido usada para cortar o cordão umbilical. Ela agarra o objeto e aponta para Maria.

Maria se vira, o neném nos braços mamando na mama-deira o suco daquela fruta.

— Querida, não seja tola — Maria diz com um sorriso malicioso — você pode até tentar me machucar mas eu não sentirei nada, meu corpo já está morto e enterrado, isso que você está vendo não é nada mais do que uma mera casca criada por Ele, apenas para conseguir me mostrar para você.

As mãos de Valentina tremiam, o coração estava acelerado e em seus ouvidos os sons de passos ficavam cada vez mais altos, e conforme o som aumentava, o quarto ia ficando mais gelado. A mente de Valentina busca incansavelmente uma solução para tudo o que estava acontecendo.

Porém, os pensamentos foram interrompidos, assim como o som, por três vagarosas batidas na porta:

TOC.

TOC.

TOC.

— Valentina, querida, abra a porta por favor. — pediu Maria.

O corpo de Valentina se moveu contra sua vontade, mas antes mesmo que ela chegasse à porta, ela se abriu. O que entrou primeiro foi uma mão com dedos ossudos, em um dedo havia um brilhante anel com um diamante negro. Um homem todo vestido de negro entra.

O homem apresentava uma aparência extremamente marcante e quase etérea. Sua figura era alta e esguia, com uma postura ereta e movimentos lentos, o que contribui para sua aura de autoridade calma e inevitável. Seu rosto pálido e alongado era quase cadavérico, com maçãs do rosto proeminentes e olhos fundos que pareciam sempre observar com uma mistura de indiferença e sabedoria. Seus olhos eram pequenos e claros, exalando um olhar gélido, como se carregassem o peso de milênios de existência. A expressão dele era de uma calma constante, sem qualquer traço de pressa ou emoção exacerbada, o que amplificava sua natureza implacável. Ele vestia um terno preto impecável, contrastando com a pele clara, e suas mãos finas e alongadas reforçavam seu ar formal e sobrenatural. Sua voz suave e controlada, combinada com a aparência, transmite uma sensação de inevitabilidade, como se Ele fosse tanto paciente quanto imparável.

Valentina sabia que se encontrava diante do Diabo em pessoa. Sabia que nada poderia salvar ela e o seu bebê. Teria que jogar conforme as regras do jogo. Valentina teria que se sacrificar pelo seu filho. Quando o Diabo estava quase tocando o bebê, Valentina se concentra e diz:

— Eu quero fazer um pacto!

O Diabo para e olha para ela.

— Minha alma será sua, mas em troca deixe o meu filho em paz. Eu não me importo da Maria usar o meu corpo para viver o sonho dela, mas não tome conta do meu filho.

O Diabo olhou com interesse.

— Interessante – disse o diabo com uma voz gutural, porém baixa – mas isso interfere no pacto feito com a Maria. Vamos fazer o seguinte, enquanto o seu corpo estiver vivo eu não tocarei no seu filho. Mas assim que você morrer, o corpo dele será meu.

O Diabo estende a mão. Valentina olha para ele e depois para Maria.

— Antes de firmar o acordo eu posso segurar ele por um tempo?

Maria anda lentamente até Valentina e entrega o bebê. Valentina segura Adriano nos braços, o rostinho gordo e os olhos brilhantes a encarando. Valentina começa a chorar e o beija na testa.

— Eu te amo, meu pequeno.

Valentina devolve o bebê para os braços de Maria, que coloca o neném no berço. Valentina respira fundo e estende a mão.

— Espero que mantenha a palavra.

— Eu sempre mantenho.

Os dois apertam as mãos e a visão de Valentina fica completamente escura...



A figura na janela

Adriano tinha 23 anos quando sua mãe morreu. Valentina havia sofrido um ataque do coração e, devido à longa distância da casa para um hospital, ela não resistiu e faleceu. Foi enterrada junto com o pai de Adriano, que morreu antes dele nascer. A mãe de Adriano o criou sozinha, em um ambiente controlado, ele tinha poucos amigos e nunca saiu da região da pequena cidade de Atiu.

Adriano cresceu e viveu em uma fazenda, sua aparência misturava a vitalidade da juventude com os traços de alguém acostumado à vida no campo. Alto e de porte atlético, seu físico era resultado de anos de trabalho ao ar livre, com ombros largos e braços fortes de quem lidou com tarefas pesadas como cuidar do gado, carregar latões de leite e trabalhar na terra. Sua pele, bronzeada pelo sol constante, tinha um tom dourado saudável, com algumas sardas e leves marcas de sol. Seu rosto teria traços firmes, mas jovens, com o maxilar bem definido. Os olhos, de um castanho claro, refletiam a tranquilidade de alguém acostumado com a natureza, mas também uma certa curiosidade e desejo de explorar o mundo além dos limites da fazenda. O cabelo loiro era levemente ondulado e cortado de maneira simples. Adriano usava roupas práticas e confortáveis, adequadas para o trabalho no campo: calça jeans surrada, desgastada pelos anos de uso, botas de couro bem amaciadas pelo trabalho diário e uma camisa de algodão. Embora sua vida tenha sido marcada pela simplicidade da fazenda, Adriano carregava em sua expressão e postura um ar de independência e competência.

Porém, o sonho de Adriano de deixar aquele lugar foi enterrado junto com a mãe dele. Agora que ela estava morta, ele era o responsável por aquela fazenda. Teria que cuidar de

todos os afazeres e além de tudo, sozinho. Fazer os trabalhos da fazenda sozinho não era problema, o que incomodava mesmo era a solidão do ambiente rural. Para ele, era comum uma noite silenciosa, mas agora ele teria que lidar também com uma manhã e tarde quietas, já que ele não tinha mais sua mãe para conversar.

Após uma semana da morte da mãe, Adriano começou a falar com os animais e as plantas que ele cuidava, para tentar amenizar a solidão. Outra tentativa foi mudar as suas coisas para o quarto da mãe falecida, e talvez tentar sentir a presença dela. Ele deitava na antiga cama de casal e rolava de um lado para o outro até pegar no sono.

E essa foi a vida de Adriano após a morte da mãe dele. Silenciosa. Solitária. Sem sentimento.

Até que um dia, Adriano notou algo no mínimo incomum.

Uma figura ao longe.

Ela era completamente negra e estava a pelo menos 3 km de distância. Ela estava parada, imóvel, não dava para saber se ela olhava para Adriano ou para outro lado. Além disso, um elemento não usual foi notado por Adriano: essa figura só aparecia na janela do quarto da mãe. Na primeira vez que a viu, ele saiu correndo para o lado de fora, para ver melhor, mas ela havia sumido. Em outras aparições, ele havia tentado ver através da janela da cozinha, mas ela também havia sumido. Era como se a janela do quarto estivesse mostrando uma outra realidade onde essa figura estava presente.

Conforme os dias iam passando, a figura ia se aproximando, pouco a pouco. Um perigo eminente que anunciava a própria chegada.

Foi quando a figura chegou no quintal da casa. Adriano tentou se aproximar dela, pulou a janela e começou a se mover em sua direção. Mas conforme ele se aproximava, a figura

recuava. Não importava o quão rápido Adriano tentasse se aproximar, a figura se afastava. Foi aí que Adriano percebeu que quem decidia o momento em que eles se aproximavam era a figura.

O medo começou a dominar a mente do pobre rapaz. E ele decidiu ir atrás de ajuda. Os avós paternos de Adriano deixaram a região antes dele conseguir andar por conta própria, o que fez com que o rapaz crescesse mais com a presença dos avós maternos. Porém, o avô materno, Otávio, morreu quando o garoto tinha dez anos, o que fez com que ele tivesse mais contato com a avó Isabella. Sua única família agora que sua mãe se foi.

Adriano foi até a casa da avó, um velho casarão com vários quartos em que a pobre senhora vivia sozinha com suas memórias. Quando Adriano chegou, ela estava sentada em frente da casa, lendo um livro.

Isabella encarna perfeitamente a figura da avó carinhosa e sábia, com uma presença calorosa e acolhedora. Ela é uma senhora de idade avançada, de cabelos grisalhos e presos em um coque simples, que reforça sua aparência tradicional e prática. E trazia um semblante suave e amigável, com olhos expressivos que brilhavam com bondade e sabedoria, refletindo sua experiência de vida. Ela vestia uma roupa modesta, típica do campo, um vestido longo e florido. As cores claras e suaves em suas roupas, junto com a postura sempre tranquila, reforçavam sua imagem de uma figura maternal e protetora. A feição de Isabella é afetuosa e reconfortante, equilibrada, firme e terna.

— Bença, vó. Não precisa se levantar.

— Deus te abençoe, meu querido. – disse ela voltando a se sentar depois da fala do neto – O que você precisa?

— Sabe, vó, faz um tempinho que eu tenho visto algo estranho lá em casa. Pela janela do quarto que era da minha

mãe, sabe? É uma figura completamente negra, ela fica me observando e se aproximando aos poucos.

A avó, com uma cara confusa e intrigada, perguntou:

— Mas você já tentou falar com essa figura?

— Tentei, mas ela não respondeu. E, quando eu tento me aproximar, ela se afasta.

— Meu Senhor!

— Você tem alguma sugestão do que fazer, vó?

A avó olhou para o neto, ajustou os óculos que escorregavam pelo nariz, e disse:

— Querido, vá para casa. Eu vou chamar alguém que possa ajudar.

Adriano obedeceu. Ele foi para casa e assim que pisou dentro do quarto, a sensação de estar sendo observado se atenuou. Adriano se sentou na cama, de costas para a janela, tentando a todo custo não olhar para ela e se deitou. Com o tempo, o sono veio, e ele começou a cochilar. Adriano acordou com a voz da avó chamando. Ele abriu os olhos e, por um momento, havia se esquecido da figura, e ali deitado ele olhou para a janela.

A figura estava observando ele, mas não estava tão distante quanto antes. Ela estava na frente da janela, observando como uma criança, com apenas o lado direito dela visível. Adriano se assustou e caiu da cama. E assim que olha de novo, a figura tinha voltado para o lugar onde estava aquela manhã. Tinha sido apenas uma impressão? Um truque que sua mente sonolenta criara? Adriano não saberia dizer.

Ele se levantou e foi até a porta para atendê-la. Atravessou o corredor, depois a cozinha, até que chegou na porta da entrada. Como era esperado, lá estava sua avó e, junto dela, um homem vestido com as roupas de um padre. Esse era Paulo, o padre da cidade.

Com uma presença carismática e intrigante, Paulo era um homem de aparência sóbria e introspectiva, vestido com o tradicional colarinho clerical, reforçando sua identidade religiosa e sua posição de autoridade na pequena cidade de Atiu. Seu terno preto e discreto contribuía para sua aparência austera e reservada. Seu rosto era expressivo, com traços finos que revelavam tanto fragilidade quanto força interior. Os olhos dele eram intensos e penetrantes, refletindo um fervor religioso crescente. O olhar dele era muitas vezes inquietante, como se carregasse segredos profundos e um fervor quase fanático. Sua voz, suave e convincente, era usada durante seus sermões. Tinham o poder de cativar e inspirar, mas também de manipular e assustar. O cabelo dele estava arrumado e bem penteado.

— Adriano, querido – disse a avó – eu chamei o padre Paulo para resolver o seu problema.

— Por favor, me leve até o problema, – disse o padre – estou curioso, e pela pequena descrição que sua avó me deu, eu nem sei o que pensar.

Adriano, sem dizer uma palavra, mostrou o caminho para os dois visitantes. Chegando no quarto, a figura estava parada no mesmo lugar que antes. Adriano, ainda em silêncio, apenas apontou para a janela.

A feição, tanto da avó quanto do padre, foram de completo espanto. Seus queixos caíram com o que estavam observando.

— Como não a vimos antes do lado de fora? – perguntou o padre.

— Essa coisa só aparece nessa janela, e somente através dela. É como se a janela fosse um portal para outra dimensão, – Adriano respondeu – Como você pretende me ajudar, padre?

O padre enfia a mão no bolso da calça e tira uma pequena garrafa transparente, dentro era possível ver um líquido incolor.

— Água benta. – disse o padre com um sorriso pequeno. – Eu vou me aproximar e jogar um pouco nessa coisa.

— Eu já tentei me aproximar e ela sempre se afasta. – disse Adriano.

— Sim, sua avó me disse. Eu tenho uma teoria: talvez essa figura esteja atrelada a você, o que me permitiria me aproximar.

O padre deixou a garrafa na cama e foi até a cozinha, onde pegou uma cadeira. Ele afastou um pouco a cômoda e colocou a cadeira embaixo da janela. Pegou a garrafa e pulou pela janela.

A teoria do padre estava certa: a figura não se movia conforme o padre se aproximava. Paulo foi passo a passo se aproximando, ele rezava baixinho o Pai Nosso enquanto andava. Quando ele chegou a uma distância perto o suficiente para jogar a água, ele o fez. Mas a criatura não se mexeu. O padre olhou para trás, como se para confirmar se Adriano e Isabella ainda estavam ali. O neto e a avó apenas deram de ombro. Quando o padre virou de novo para a criatura, ela estava muito próxima dele. Ela sussurrou algo em seu ouvido. Algo que o fez sair correndo.

— Padre Paulo! – tentou chamar Isabella, mas em vão, o padre já estava longe e não diminuía a corrida.

Na visão de Adriano e da avó, tudo ocorreu em um piscar de olhos. Em um segundo, a figura estava mais distante, e no outro, ela estava do lado do padre. Nenhum dos dois conseguiu escutar o que a misteriosa figura disse para ele, e ficaram os três parados: Adriano, a avó Isabella e a figura a distância.

— Eu vou lá. – disse Isabella.

— A senhora viu o que essa coisa fez com o padre? Imagina o que pode acontecer com você. Se aproximar é maluquice.

— Não se preocupe, eu ficarei bem.

E então, assim como o padre, Isabella foi se aproximando da figura.

— Escuta aqui! – ela gritou para a figura – Seja lá quem você for, ou o que você for, saia daqui. Pare de incomodar o meu neto.

A figura não reagiu.

Isso até Isabella olhar para o neto, pois quando voltou seu olhar para a figura, novamente esta estava próxima do rosto da senhora falando algo. E assim como o padre, a senhora Isabella fugiu, correndo o máximo que sua idade permitia.

Adriano ficou sozinho novamente com a figura.

O padre Paulo deixou a cidade. Por um tempo a cidade ficou sem padre até que outro fosse enviado para cobrir o lugar que estava vago.

A avó de Adriano se trancou em casa. Vizinhos diziam que ela saía somente quando precisava, e bem de manhã. Não importava o quanto Adriano batesse na porta, ela não saía para atendê-lo. Adriano havia perdido a última pessoa de sua família.

Depois de várias tentativas de contactar a sua avó, Adriano voltou para casa. No quarto, ele sentou na cama, desta vez encarando a figura. Ele ficava se perguntando o que será que a avó e o padre escutaram? Por que essa coisa está atrelada a ele? O que essa coisa queria?

Enquanto essas perguntas eram feitas na mente de Adriano, uma ideia surgiu. Ele olhou para o chão e viu a sua

bota de trabalho, ele pegou o pé direito e, com toda a força que conseguiu, atirou a botina na figura. Porém, o objeto, apesar de acertar, atravessou a coisa.

Adriano perdeu toda a paciência que restava.

— O que você quer? O que você é? Eu estou de saco cheio de você. E quer saber? Eu não ligo mais. Por sua culpa eu não tenho mais nenhum familiar. Eu estou completamente sozinho agora. Está feliz com isso? Seja lá o que você quer aqui, pegue e vá embora. Eu te entrego o que você quiser.

Ao dizer isso, um vento torrencial entra pela janela. A figura pela primeira vez começa a se mover diante de Adriano. Ela começa a caminhar lentamente em direção ao quarto. O vento fecha a porta do quarto, como se tentasse impedir que Adriano saísse dele. Mas não era necessário, Adriano estava paralisado de medo.

A figura andava vagarosamente até a janela, e, conforme ela andava, ia tomando uma forma familiar para Adriano. A aparência tinha uma mistura de vitalidade juvenil e traços de alguém que viveu a vida inteira no campo. Alto, ombros largos e braços fortes. Uma pele bronzeada pelo sol, com sardas e marcas também do sol. Rosto firme, mas jovem. Olhos castanho claro. Cabelo loiro levemente ondulado. Todas essas características, Adriano costumava ver quando se olhava no espelho todo dia.

Quando a figura chegou na janela, ela era a cópia exata de Adriano. Ela abre a boca e na voz de Adriano diz:

— Hora de pegar minha parte do trato.

A figura pula para dentro do quarto.

Um grito pode ser escutado em um raio de 4 km.

Depois desse dia, Adriano nunca mais foi visto na pequena cidade de Atiu. E a casa da Fazenda Nóbrega nunca mais foi habitada.

Luara Ordine

Natural de Campos do Jordão (SP), é graduanda em Letras - Línguas Estrangeiras pela UNIFAL-MG (2021-2025). Já fez parte de projetos de tradução de contos tanto da língua espanhola quanto da língua inglesa para o português. Sempre foi apaixonada por livros, principalmente os de fantasia, mundo em que foi introduzida pelos livros da saga do autor Tommy Donbavand. Atualmente tem grande interesse em descobrir o vasto mundo da editoração.

Yasmin Duca

Nascida em 2003 na cidade de Alfenas (MG), é graduanda em Letras - Línguas Estrangeiras pela UNIFAL-MG (2021-2025). Já participou de diversos projetos relacionadas ao feminino na literatura. Além disso, já fez parte de projetos de tradução da língua espanhola para o português. É também uma ávida leitora de livros de fantasia e não vive sem música.

Sarah Lais

Sarah Lais nasceu em Novo Hamburgo (RS) em 2003. É aluna de graduação de Engenharia Elétrica na UFSM-Cachoeira do Sul, tendo como paixão a ilustração inspirada em elementos clássicos do terror. Mais obras podem ser encontradas no seu instagram: [@yourlocalsatan](https://www.instagram.com/yourlocalsatan).

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central – Campus Sede

Almeida, Marília Ribeiro de.

Entre era(s) / Marília Ribeiro de Almeida; organizadoras, Brendha T. Maia, Marília Ribeiro de Almeida; coordenadora, Flaviane Faria Carvalho. – Alfenas-MG: Cria Editora, 2024.
56 p.: il. -

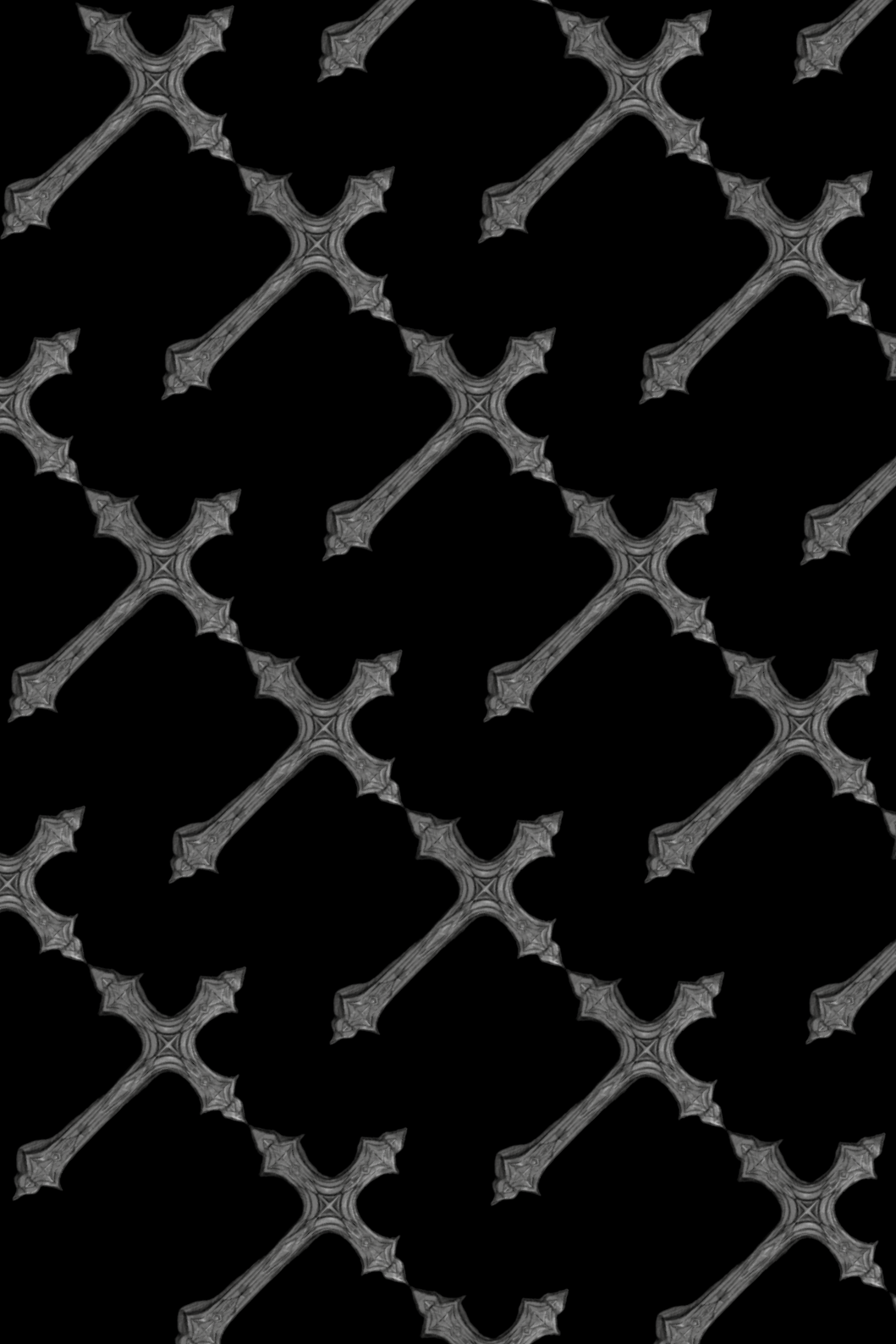
Projeto de extensão LEE (Laboratório de Estudos Editoriais)
ISBN: 978-65-87058-48-1 (Impresso)

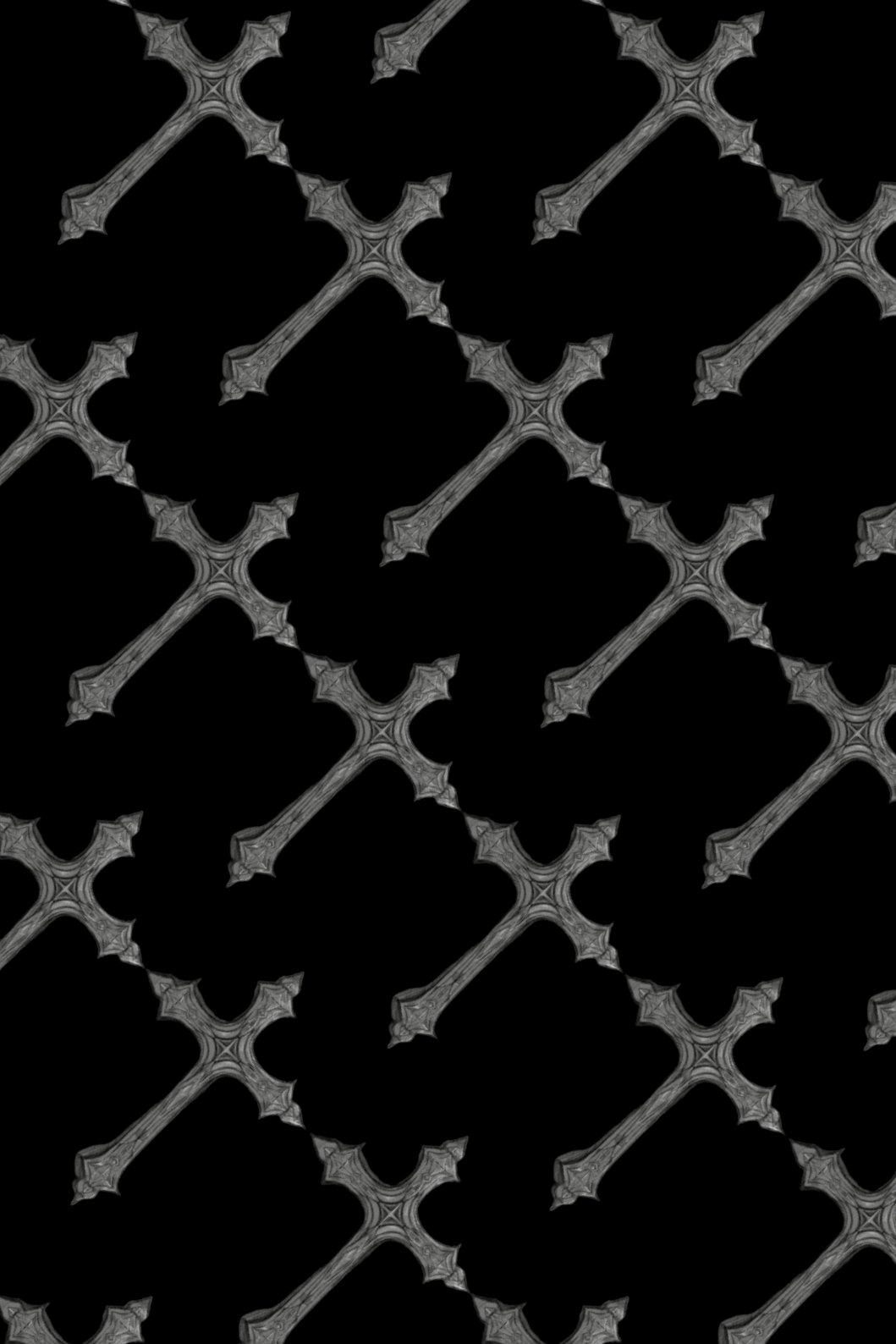
1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I. Maia, Brendha T. (org.).
II. Carvalho, Flaviane Faria (coord.). III. Título.

CDD-B869.91

Ficha Catalográfica elaborada por Marlom Cesar da Silva Bibliotecário-
Documentalista CRB6/2735

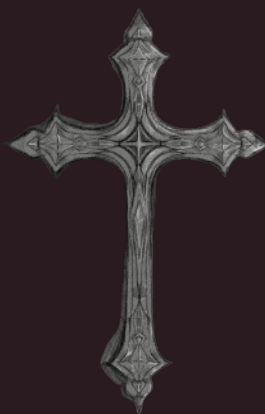
Esta obra foi composta em tipologia GARAMOND
e FORCED SQUARED e impressa em papel PAPEL
OFFSET durante a primavera de 2024.







João Pedro Carvalho Duarte é natural de São Sebastião do Paraíso (MG) e nasceu em 2002. É aluno de graduação em Letras-Línguas Estrangeiras na UNIFAL-MG (2021-2025). Ávido leitor de contos de terror e mistérios, principalmente os escritos por Edgar Allan Poe, Stephen King e Conan Doyle. Costumava escrever pequenos e despretensiosos contos, como hobby, que agora verão a luz do dia.



O quarto do casal era o mais lindo de todos os cômodos da casa, modéstia à parte. Ele era relativamente grande e um quadrado exato: as paredes, o chão e o teto tinham todas as medidas iguais, um cubo perfeito.

